



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU
CURSO DE PEDAGOGIA

FABRÍCIA CARLA DE ALBUQUERQUE SILVA

**AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE FILIPE MELANCHTHON
NAS FERMENTAÇÕES DO SÉCULO XVI**

MACEIÓ
2010

FABRÍCIA CARLA DE ALBUQUERQUE SILVA

**AS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE FILIPE MELANCHTHON
NAS FERMENTAÇÕES DO SÉCULO XVI**

Monografia apresentada ao Centro de Educação da
Universidade Federal de Alagoas, como exigência
parcial para a obtenção do título de Graduada em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria das Graças de Loiola
Madeira.

**MACEIÓ
2010**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Janaina Xisto de Barros Lima

S586c Silva, Fabrícia Carla de Albuquerque.
As concepções pedagógicas de Filipe Melanchthon nas fermentações do século XVI/ Fabrícia Carla de Albuquerque Silva. – 2010.
53 f.

“Philipp Melanchthon (em português Filipe Melâncton)”

Orientadora: Maria das Graças de Loiola Madeira.
Monografia (TCC em Curso de Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Centro de Educação. Curso de Pedagogia. Maceió, 2010.

Bibliografia: f. 51-53.

1. Melanchthon, Philipp, 1497-1560. 2. Pedagogia – Séc. XVI.
3. Ensino humanístico. 4. Protestantismo – Reforma. I. Título.

CDU: 37.014.52”16”

ATA DE APROVAÇÃO

Ata da 45ª Sessão de Defesa de Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoa.

Aos 13 dias do mês de dezembro de 2010 foi instalada a 45ª sessão de Defesa de Trabalho de Conclusão do Curso – TCC – do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, as 08:00 horas, no auditório do CEDU a que se submete a licencianda **Fabricia Carla de Albuquerque Silva**, apresentando o trabalho “As concepções pedagógicas de Filipe Melanchthon nas fermentações do século XVI.”, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em pedagogia, tendo como Banca Examinadora já referendada pelo Colegiado do curso a professora Roseane Maria de Amorim (CEDU-UFAL) e o professor Wilson Correia Sampaio (CEDU-UFAL), sob a presidência da orientadora professora Maria das Graças de Loiola Madeira (CEDU-UFAL).

Analisando o trabalho a Banca atribui a seguinte menção:

APROVADO

REPROVADO

OBSERVAÇÃO: O referido trabalho atende a todos os requisitos necessários para a conclusão de curso de Graduação (TCC). A banca recomenda a publicação do trabalho em função da contribuição que fornece para os estudos no campo da História e Filosofia da Educação.
Maceió, 13 de dezembro de 2010.

Maria das Graças de L. Madeira

Profª Maria das Graças de Loiola Madeira (CEDU-UFAL)

Roseane Maria de Amorim

Profª Roseane Maria de Amorim (CEDU-UFAL)

Wilson Correia Sampaio

Profº Wilson Correia Sampaio (CEDU-UFAL)

Dedico este trabalho acadêmico aos meus pais Francisco e Leniége e às minhas irmãs Flávia e Fabiana.

AGRADECIMENTOS

À Deus pela presença constante em minha vida, concedendo muito amor, paz e alegria;

A minha família pelo amor incondicional, união, diálogos maravilhosos, constante apoio, orientação, investimento na minha formação e por acreditar na minha potencialidade;

A todos os amigos e irmãos em Cristo por constantes orações e palavras de estímulo;

A professora orientadora Dra. Maria das Graças de Loiola Madeira pela simpatia e valiosa orientação, estimulando-me a ter olhar de historiadora e a prosseguir na carreira acadêmica;

A professora Dra. Edna Prado, que se revelou uma grande amiga e cujo jeito de ser me proporcionou valiosos ensinamentos.

À professora Dra. Tania Maria de Melo Moura que me concedeu a preciosa oportunidade de ser estudante de Iniciação Científica no grupo “Teorias e Práticas em Educação de Jovens e Adultos”, cujas reuniões proporcionaram grandes aprendizados.

Ao corpo docente do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Federal de Alagoas, em geral, pela dedicação e belas aulas, que a cada dia reafirmaram o meu gosto pela área educacional;

Ao Fundo de Publicações das Faculdades EST representado pelo Dr. Ricardo Willy Rieth, Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Luterana do Brasil no Rio Grande do Sul, por disponibilizar traduções inéditas dos discursos de Filipe Melanchthon, as quais ainda não foram publicadas no Brasil, para fins de pesquisa monográfica;

Aos meus queridos colegas de classe por partilharmos momentos de construção de conhecimento e divertidos diálogos.

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de pensar a história, interrogando os problemas do presente através das ferramentas próprias do seu ofício. O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo, participando criticamente da escola e da pedagogia. (NÓVOA, Antônio, 2005, p. 9).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso traz por título “As concepções pedagógicas de Filipe Melanchthon nas fermentações do século XVI”, cujo objetivo central consiste em perceber quais matrizes pedagógicas foram constituídas no século do estopim da Reforma Protestante, a partir da escrita do reformista Filipe Melanchthon; isto é, esta pesquisa põe em evidência um intelectual o qual ficou à sombra de Lutero, apesar de sua ampla influência na organização e definição de conteúdos nas escolas alemãs. Para a realização deste estudo, utilizaram-se as estratégias metodológicas: bibliográfica e documental. Com relação à primeira, destacaram-se as consultas a Manuais de História da Educação, artigos publicados em periódicos nacionais, bem como, o livro biográfico, em versão inglesa: *Philip Melanchthon – the protestant preceptor of Germany* publicado em Nova York (1898). Os vestígios documentais ou “fontes primárias” utilizados foram discursos acadêmicos escritos por Filipe Melanchthon em língua latina. Entretanto, para compreensão de tais documentos, registrados em língua clássica, vale citar a contribuição do professor Dr. Ricardo Willy Rieth, o qual disponibilizou as traduções, ainda inéditas, para fins monográficos. Ao fim do estudo, ficou explícito que algumas matrizes pedagógicas constituídas, no século XVI, perpetuaram por longos períodos, chegando às escolas secundárias do Ocidente. Além disto, foram apontadas possibilidades de continuação e aprofundamento das investigações a respeito desta temática.

PALAVRAS-CHAVE: Filipe Melanchthon – Reforma Protestante – Ensino Humanístico

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Casa em Bretten, na qual Melanchthon nasceu	18
FIGURA 2: Casa de Melanchthon em Wittenberg.....	21
FIGURA 3: Parte final de uma carta de Melanchthon às autoridades do Tangermünde, recomendando um estudante ao seu apoio	22
FIGURA 4: Estátua de Melanchthon no castelo da Igreja de Wittenberg.....	25
FIGURA 5: Filipe Melanchthon em uma pintura de Albrecht Dürer.....	28

As referidas figuras foram retiradas do livro:

RICHARD, James William. **Philip Melanchthon – the protestant preceptor of Germany (1497-1560)**. The Knickerbocker Press, New York, 1898.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Programação de estudos proposta a André Polônio por F. Melancthon 29

QUADRO 2: Síntese informativa de seis Manuais de História da Educação analisados 39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I – EDUCAÇÃO NAS “FERMENTAÇÕES” DO SÉCULO XVI	14
1.1 RENASCIMENTO E O MOVIMENTO HUMANISTA NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XVI ...	14
1.2 PRINCÍPIOS DA REFORMA PROTESTANTE	15
1.3 A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR FILIPE MELANCHTHON	18
II – DISCURSOS, CONCEPÇÕES E HERANÇAS EDUCACIONAIS DE FILIPE MELANCHTHON	24
2.1 DISCURSOS	24
2.12 <i>De Corrigendis Studiis Adolescentia - 1518</i>	25
2.13 <i>In Laudem Novae Scholae - 1526</i>	27
2.14 <i>Ratio Studiorum Praescripta Andreae Polono a Philippo Melanchthone – [s.d.]</i> ..	28
2.15 <i>De Miseriis Paedagogorum - 1533</i>	31
2.16 <i>De Equitate et Iure Stricto - 1542</i>	33
2.17 <i>Oratio de Ordine Político – (Provavelmente em 1552)</i>	33
2.2 HERANÇAS EDUCACIONAIS	34
III – FILIPE MELANCHTHON NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	37
3.1 Larroyo (1969)	42
3.2 Eby (1970)	44
3.3 Luzuriaga (1975)	45
3.4 Manacorda (1992)	46
3.5 Aranha (1996)	47
3.6 Cambi (1999)	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

Ao se abordar as “reformas européias” do Século XVI ou “profundas fermentações”, nas palavras de Franco Cambi (1999), com frequência recorrem-se às Noventa e Cinco Teses escritas e fixadas por Martinho Lutero à porta da Igreja de Wittenberg, na Alemanha, em 1517. Este fato pode ser considerado o “estopim” da Reforma Protestante, a qual trouxe implicações para além do âmbito religioso, pois, simultaneamente, afetou profundamente as concepções educacionais, políticas e econômicas da época.

Com relação às questões educacionais – cerne de nossas discussões subseqüentes – vale lembrar, entretanto, que o reformista alemão não atuou sozinho, cercou-se de intelectuais que apesar de exporem e publicarem concepções relevantes para o âmbito pedagógico mantiveram-se à sua sombra. Um deles foi Filipe Melanchthon.

Mediante o exposto, esta monografia põe em evidência o pensamento educacional do reformista protestante F. Melanchthon (1497-1560), justamente no ano em que se completa 450 anos de sua morte. Ele é considerado o criador do Sistema Educacional da Igreja Protestante da Alemanha e responsável por reorganizar o ensino de seu país.

O interesse por este estudo, envolvendo educação e Reforma Protestante surgiu no ano de 2006, quando eu ainda era estudante da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Naquela época, dois eventos foram imprescindíveis: a leitura de um texto sobre o conceito de educação útil para Martinho Lutero, e a iniciação aos estudos relacionados à pesquisa educacional, os quais contribuíram na percepção dos principais elementos que compõem uma monografia. É possível, também, que meu vínculo com a religiosidade protestante tenha estimulado o interesse pela discussão, em especial pela expressiva divulgação da figura de M. Lutero.

A partir daí, começou uma itinerância em busca da definição do problema de pesquisa. A princípio, surgiu o interesse em investigar a “Pedagogia de Jesus”, mas não teria referencial teórico para dar suporte aos estudos. Outra proposta era enveredar pela temática relativa às ações do Estado Alemão direcionadas à educação diante das reivindicações reformistas, todavia, parecia ser uma problemática de pesquisa inviável para os propósitos deste trabalho. Estudar a figura de Lutero era também uma temática que me estimulava, sobretudo quando fiz a leitura das *Cartas* publicadas no ano 2000 pela Editora Sinodal, além de informações sobre outros escritos de Lutero a respeito da sua visão educacional. Porém, a partir do levantamento bibliográfico, constatee várias publicações a respeito. Assim, diante da grande “visibilidade” concedida a Lutero e conseqüente “atenção secundária” direcionada ao

seu companheiro Melanchthon, passei a ter interesse pela atuação e pensamento pedagógico deste personagem histórico.

O estudo do pensamento educacional de Melanchthon é relevante para melhor se compreender as matrizes do ensino humanístico, que mantiveram profundas raízes nos conteúdos e métodos dos colégios secundários, liceus e cursos superiores do Ocidente, dos séculos XV às primeiras décadas do século XX, em particular no Brasil. Essas raízes se manifestam no grande prestígio dado aos ensinamentos das línguas clássicas, análise dos clássicos e da Gramática. Além disto, este estudo revela aspectos da visão melanchthoniana presentes no desencadeamento da Reforma Protestante, que tiveram repercussões na relação entre escola, religião, governos e povo, elementos fundamentais para a constituição do que se passou a nomear de escola moderna.

Este estudo trará subsídios teóricos para o aprofundamento de pesquisas posteriores na área histórica e pedagógica, a partir da compreensão de concepções, tradições e inquietações educacionais presentes na Reforma Protestante, que perduraram ao longo de séculos, visualizados, inclusive, em colégios do Ocidente.

É importante ressaltar que este trabalho apresenta uma concepção de História que estuda os homens no seu tempo. Antes da crítica, cabe a compreensão do sujeito no lugar social por ele ocupado (BLOCH, 2001). Nas análises, também, tomou-se o cuidado de não julgar ou apresentar anacronismo, que pode ser evitado, segundo o historiador mencionado, com auxílio de uma dupla linguagem: a da época estudada e da disciplina histórica atual, ou, não julgar o passado subalterno ao mundo mental do presente.

Segundo o historiador medievalista francês Marc Bloch (1886-1944), a História não é uma Ciência do passado, e sim uma ciência dos homens no tempo. Diante disto, os documentos não são dados rígidos, mas vestígios que fornecem importantes informações quando se sabe interrogá-los, isto é, “[...] a pergunta que fazemos que condiciona a análise e, no limite, eleva ou diminui a importância de um texto retirado de um momento afastado” (BLOCH, 2001, P.8). Diante do exposto, a pergunta norteadora desta pesquisa é: **a partir da escrita do reformista Melanchthon do Século XVI, quais matrizes pedagógicas se constituíram à época?**

Na busca de respostas para o questionamento proposto, esta pesquisa historiográfica possui uma metodologia bibliográfica e documental. Com relação a este segundo método, serão utilizados materiais que ainda não receberam um tratamento analítico. Neste caso, utilizarei discursos produzidos, no Século XVI, de autoria do personagem centro de nossa discussão. Estes vestígios primários podem ser localizados na versão latina dos livros:

“*Declamationes e “Opera Quae Supersunt Omnia”*”. O primeiro foi organizado por Karl Hartfelder, publicado em Berlin em 1891; o segundo é de autoria do próprio Melanchthon, cuja organização foi realizada por Carolus Gottlieb Bretschneider no livro *Corpus Reformatorum. Volumen XI* de 1843.

Vale salientar que no Brasil tais produções, ainda, não tiveram o mérito de publicação na língua portuguesa, embora o professor Dr. Ricardo Willy Rieth¹ tenha nos disponibilizado suas traduções, ainda inéditas, para fins de pesquisa monográfica. Logo, não serão feitas citações diretas dos discursos de Melanchthon oriundas dessa tradução, excetuando-se os trechos publicados em alguns livros e revistas científicas.

Como mencionado anteriormente, este estudo, também, é bibliográfico no sentido de abranger produções científicas que já se tornaram públicas sobre o tema abordado, tais como livros e artigos científicos. Nesta perspectiva, dentre as fontes secundárias utilizadas, neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), estão reconhecidos manuais de História da Educação (publicadas no Século XX) presentes no acervo da Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), tais como os escritos por: Larroyo (1969), Eby (1970), Luzuriaga (1975), Manacorda (1992), Aranha (1996) e Cambi (1999). Publicações de periódicos nacionais são igualmente relevantes, como os de: Rieth (1997) e Klaus Engelhardt (1997).

Para a compreensão da biografia de Melanchthon, destacou-se a obra: “Philip Melanchthon – the protestant preceptor of Germany (1497-1560)”, disponível apenas na versão inglesa. Este livro faz parte do acervo da Universidade de Toronto, no Canadá. Em 1898, época da publicação deste livro, seu autor, James William Richard era professor de Homilética em um Seminário teológico luterano de Gettysburg, Pensilvânia. No prefácio desta obra, James explicita que a maior parte das informações foi retirada de escritos do próprio Melanchthon e para isto, viagens à Alemanha não foram poupadas.

Portanto, esta monografia estrutura-se da seguinte forma: o primeiro capítulo, intitulado “*A educação nas fermentações do Século XVI*” contextualiza o Renascimento e o movimento humanista na educação do Século XVI. No referido capítulo destaco os princípios fundantes da Reforma para o âmbito educacional, assim como a trajetória do professor Filipe Melanchthon. O segundo capítulo (“*Discursos, concepções e heranças educacionais de Filipe Melanchthon*”) trata da concepção educacional presente nos escritos/ discursos melanchthonianos, bem como, suas heranças humanísticas para o pensamento educacional do Ocidente. Por fim, “*Filipe Melanchthon nos manuais de história da educação*” configura-se

¹ Desde 2009, Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da ULBRA no Rio Grande do Sul; possui doutorado em História da Igreja (*Kirchengeschichte*) pelo Instituto de História da Baixa Idade Média e da Reforma da Universidade de Leipzig, Alemanha (1992) e pós-doutorado pela mesma instituição (2000).

como o último capítulo, cujo objetivo é analisar os subsídios fornecidos por seis manuais de História da Educação publicados no Século XX a respeito do personagem cerne deste trabalho acadêmico. Optou-se por apresentar, primeiramente, o pensamento educacional do reformista, e em seguida as abordagens dos manuais, para facilitar a análise por parte dos leitores, desta monografia, no que diz respeito às comparações de fidedignidade de informações.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO NAS “FERMENTAÇÕES” DO SÉCULO XVI

A Modernidade chega a Europa ora expressando época de “grandes fermentações” como qualifica Cambi (1999), ora de “turbulências” para Larroyo (1969), em síntese, este momento apresenta características, como: invenções (uso da bússola, emprego da pólvora e imprensa), “descobertas”/ conquistas marítimas, o renascer da cultura clássica, a Reforma Religiosa, a Contra-Reforma com a Companhia de Jesus, novos poderes e perspectivas.

Diante de tantos eventos, no texto subsequente deste primeiro capítulo, farei um recorte a respeito do Renascimento e a importância do Humanismo para a educação do Século XVI, assim como dos elementos fundantes da educação proposta pela Reforma Protestante, para a qual a trajetória biográfica de Filipe Melanchthon será ressaltada.

1.1 RENASCIMENTO E O MOVIMENTO HUMANISTA NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XVI

O Renascimento pode ser compreendido como um movimento cultural, racional e científico iniciado na Itália, estendendo-se dos séculos XIV ao XVI. Esta tendência procurava rejeitar os valores feudais, os quais eram considerados como pertencentes a um período “de trevas”. Neste sentido, a denominação “Renascimento” foi dada por artistas e intelectuais que buscavam o “renascer” da cultura antiga. No entanto, Vicentino e Dorigo² (2005, p. 166) ressaltam que tal valor atribuído à cultura greco-romana e o abandono de elementos medievais compunha um feixe de interesse de novos grupos sociais em ascensão à época.

Na passagem para a Modernidade, em meio à desagregação do Feudalismo e nascimento do Capitalismo, ao aparecimento da incipiente burguesia, os componentes desta classe desejavam, para seus filhos uma “educação esmerada”. É de se imaginar que tratar-se-ia de uma busca por ensino ligado às atividades contábeis e mercantis; todavia, Bencostta (2007, p. 150) afirma que, de fato, a educação do Século XVI era para dirigentes ou grupos elitizados, tendo como centro de formação a Antiguidade Clássica. Esta era o modelo padrão enquanto conteúdo e a cultura.

Nesta perspectiva, completa Francisco Larroyo (1969, p. 354): “O fermento intelectual e pedagógico do Século XVI é o Humanismo”.

² Vicentino e Dorigo são autores de livros didáticos de História. O primeiro é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-graduação em História pela Universidade de Brasília. O segundo é bacharel e licenciado em História pela USP.

Os humanistas são, em sua origem, os homens de letras que, em contraste com o tipo de educação medieval, se apaixonam pela cultura greco-romana, visto como vêem no homem clássico um ideal passado de vida, digno de renovar. As humanidades são, para eles, nesta época, os conhecimentos que têm interesse preferencialmente humano, que formam e cultivam o homem como tal. (LARROYO, 1969, p. 355).

Diante do exposto, os humanistas buscavam a “excelência” humana, tomando como referencial os antigos, as línguas clássicas, a eloquência greco-romana e a forma perfeita de suas produções. Vale ressaltar que, de acordo com Maria T. Nunes (1999), tanto os colégios jesuítas quanto os protestantes fundamentavam-se nesta tradição e, ambos, percebiam a educação da juventude como meio de propagar seus ideais. Com relação às diferenças de abordagem humanista, destes dois segmentos religiosos, Marcus Levy Bencostta (2007, p. 149) afirma que elas são secundárias, pois nos colégios jesuítas estudavam-se, apenas, latim e a organização possuía uma regra única (*Ratio Studiorum*³); já os colégios protestantes dispunham de estudo do grego, hebraico e latim, organização autônoma e escolha mais diversificada de autores da Antiguidade.

O Humanismo foi uma corrente nascida na Itália, mas que percorreu todos os povos da Europa nos Séculos XV e XVI, inclusive, na Alemanha – “palco” da Reforma Protestante e local de atuação do personagem cerne deste trabalho acadêmico: Filipe Melanchthon.

Mediante o exposto, é possível fazer relação entre Humanismo e Renascimento pelo valor atribuído ao homem, ao campo da razão não laica e religiosidade cristã. Cambi (1999, p. 221) levanta uma crítica aos manuais que comumente abordam estes movimentos isoladamente, como se não constituíssem vários aspectos de uma mesma civilização. Neste caso, o referido autor coloca como causa para esta separação conceitual a “comodidade expositiva”.

É válido ressaltar que o Humanismo punha em destaque o ensino das línguas antigas, dos clássicos, da retórica, e que a expressão “humanismo” não se referia um valor dado a todos os homens, e sim aqueles ditos nobres ou aristocratas.

1.2 PRINCÍPIOS DA REFORMA PROTESTANTE

No contexto de grandes “fermentações” e “renascer” de idéias, no início da Idade Moderna, ocorreu o conhecido e tão enfatizado estopim da Reforma Protestante a partir do

³ Publicada em 1599, a *Ratio Studiorum* constitui o primeiro sistema organizado de educação católica ou programação de estudos, que refletia os ideais da Companhia de Jesus. E dividia-se em “*studia superiora*” e “*studia inferiora*” (correspondente ao curso secundário).

rompimento entre o ex-monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546) e as autoridades católicas, refletido nas 95 Teses fixadas à porta da Igreja de Wittenberg em 1517. No entanto, a Reforma Protestante não ocorreu de forma repentina ou súbita, como se pode observar na passagem a seguir:

Já antes haviam surgido movimentos reformistas ou de protesto contra a Igreja, por cuidar-se que ela se havia desviado das primitivas crenças. Assim, aconteceu com os movimentos de alguns humanistas, como Erasmo e Thomas Morus e antes com o de Wycliffe na Inglaterra e o de Hus na Boêmia. Mas esses movimentos ficaram localizados e foram extintos. Em compensação, o de Lutero e seus partidários pronto se estendeu não apenas pela Alemanha, mas pela maior parte do centro e norte da Europa. (LUZURIAGA, 1975, p. 109).

Como mencionado acima, as críticas e inquietações com relação à instituição clerical são anteriores as teses de Lutero. Segundo Vicentino e Dorigo (2005, p. 174), nas Universidades, o movimento de crítica ganhava corpo, principalmente em Oxford, na Inglaterra, com John Wyclif (1320-1384), e em Praga, na Boêmia (Sacro Império Romano-Germânico), com João Huss. O primeiro atacou com severidade o sistema eclesiástico e a venda de indulgências, defendendo o confisco de bens da Igreja na Inglaterra e a adoção dos votos de pobreza material do cristianismo primitivo. Já Huss (1369-1415) retomou as propostas de Wyclif, associando-as à independência da Boêmia, que estava sob domínio do Sacro Império. Huss acabou sendo preso e em 1415 foi condenado e queimado por decisão do Concílio de Constança.

John Wyclif e Huss fizeram parte de um movimento da Pré-Reforma. Provavelmente as suas idéias não tiveram uma repercussão como às de Lutero, em virtude do não apoio de autoridades políticas e nobreza, como Lutero recebeu.

O marco oficial para o início da Reforma Protestante foi a publicação, em 1517, das 95 teses com severas críticas, feitas por Lutero, à Igreja e ao próprio papa. Em 1520, o papa Leão X redigiu uma bula condenando o reformador, exigindo a sua retratação e ameaçando-o de ex-comunhão. Em 1521, Lutero foi considerado herege a partir da *Dieta de Worms*.

A partir das idéias revolucionárias de Lutero, um grupo de camponeses conhecidos como anabatistas, liderados por Thomas Münzer, fizeram uma revolta cujo objetivo era a divisão das terras da Igreja entre os mais pobres. Lutero acusou-lhes de radicais e defendeu que a nobreza empregasse força para reprimi-los. Isto resultou na morte de mais de 100 mil camponeses.

Quando se trata de elementos que influenciaram a concretização da Reforma Protestante, comumente, remete-se ao seguinte: a posição da Igreja Romana enquanto maior proprietária de terras à época, na Europa; o excesso de tributos cobrados; a venda de

indulgências; críticas ao desregramento moral de alguns clérigos; o surgimento de novas interpretações dos textos sagrados e a busca da popularização de sua leitura. No entanto, Larroyo (1969, p. 379) marca o movimento humanístico como elemento de contribuição para despontar a Reforma, pois “vinha lembrando e fortalecendo a liberdade individual, com sua visão histórica da Antiguidade e seu espírito crítico”.

Luzuriaga (1975, p. 108) também se posiciona de forma semelhante, quando afirma: “A reforma religiosa, a *Reforma* por antonomásia, é parte do grande movimento humanista da Renascença: é sua aplicação à vida religiosa.” O autor espanhol prossegue apontando as semelhanças e diferenças entre Humanismo e Reforma:

Humanismo e Reforma coincidem, assim, em muitos pontos, posto divirjam noutros. Primeiramente, coincidem na acentuação da personalidade autônoma, da individualidade livre ante qualquer coação exterior, seja intelectual, seja religiosa. Depois, ambos os movimentos têm sentido crítico quanto a toda autoridade dogmática. Finalmente, ambos buscam inspiração na vida espiritual no íntimo do homem, e não na letra ou nas doutrinas impostas. Mas há também diferenças importantes entre Humanismo e Reforma. O Humanismo tem caráter antes intelectual e estético, enquanto na Reforma predomina o aspecto ético e religioso. Aquele é de gênero principalmente aristocrático, de minoria, ao passo que a Reforma é sobretudo social e popular. O primeiro busca inspiração nos clássicos gregos e latinos, quando a última o faz sobretudo na Bíblia. Finalmente, se do primeiro não se houve ensino geral organizado, a segunda deu origem à educação pública. (LUZURIAGA, 1975, p. 108).

Após apontar as similitudes e diferenças, Luzuriaga (1975, p. 108) faz uma crítica à educação do movimento reformista, afirmando que esta foi “mais severa, rigorosa e atormentada”, enquanto a humanista teria caráter “mais livre, espontâneo e risonho”.

De modo geral, o movimento da Reforma Protestante repercutiu em vários âmbitos: religiosos, culturais, econômicos, políticos e educacionais. Neste último caso, Luzuriaga (1975), assim como outros teóricos, assinala pontos positivos, mas também limitações. Por exemplo, seriam aspectos doutrinários da religiosidade protestante a defesa do ensino a todos a ler, com vistas ao acesso à Bíblia; responsabilizar as autoridades seculares pela educação; contribuição na organização da educação pública primária e secundária. A primeira havia sido relegada aos cuidados da família. Por outro lado, a recente literatura tece crítica aos reformistas com relação à maior preocupação com a educação das classes burguesas.

Dentre os representantes educacionais dos países, nos quais ocorreram a Reforma Religiosa, os mais conhecidos são: Lutero (1483-1546), Melanchthon (1497-1560), Bugenhagen (1485-1558), Valentin Trostendorf (1490-1556), Johannes Sturm (1507-1589), Ulrich Zwinglio (1484-1531), entre outros.

Dos nomes mencionados, a atenção deste estudo, como antecipado, dirige-se a Filipe Melanchthon. Então, em seqüência será apresentada: uma breve biografia; a concepção presente em discursos melanchthonianos, heranças educacionais construídas à época e perpetuadas e, por fim, as abordagens de sua atuação educacional em Manuais de História da Educação do Século XX.

1.3 A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR FILIPE MELANCHTHON

A obra *“Philip Melanchthon – the protestant preceptor of Germany”*, de autoria de James William Richard, publicada com cerca de 400 páginas, trata da biografia de Filipe Melanchthon com riqueza de detalhes. Então, partindo dos estudos de J. W. Richard (1898), bem como, de Manuais de História da Educação e artigos científicos, trouxemos um relato da trajetória do personagem central da nossa pesquisa. Observação semelhante ao que se segue, foi apresentada em artigo: “O Pensamento Educacional da Reforma Protestante em Filipe Melanchthon (1497-1560)” publicado nos anais do VIII Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, no Estado do Maranhão.⁴



Figura: 1

Casa em Bretten, na qual Melanchthon nasceu.

Na noite de 16 de fevereiro de 1497, na pequena cidade de Bretten, nasceu o primogênito de Barbara e George Schwartzerd - um célebre fabricante de armas de Heidelberg. Este filho era Filipe Schwartzerd, posteriormente conhecido como Melanchthon, devido à tradução do seu sobrenome (“terra preta”) para o grego, feita por Reuchlin, em 1509.

Quando Melanchthon encontrava-se na idade de 11 anos, o seu pai faleceu devido à ingestão de água envenenada. Naquela época foi encaminhado a Spires, local onde recebeu instruções do professor John Unger de Pforzheim, o qual possuía relativo conhecimento das línguas antigas.

⁴ Este evento ocorreu no período de 22 a 25 de agosto de 2010, cujo tema central foi: “Infância, Juventude e Relações de Gênero na História da Educação.”

A partir dos estudos de James Richard (1898), é possível observar que o professor John Unger tenha se preocupado com o aprimoramento moral e intelectual de seus alunos em meio aos ensinamentos de gramática e sintaxe. Utilizava poemas do italiano Carmelita, Baptista de Mantuan, já que nessa época poucos clássicos latinos tinham sido impressos na Alemanha. Cada erro foi corrigido com um castigo corporal. No entanto, apesar de nos parecer uma forma perversa de correção, Unger gozava da confiança e carinho entre seus alunos. Tal fato observa-se em uma afirmação de Filipe Melanchthon, feita quando já havia se tornado um dos maiores estudiosos e lingüistas da Alemanha:

Eu tinha um professor que foi um excelente lingüista. Ele morreu dois anos atrás. Ele era um homem honesto. Ensinou o Evangelho e sofreu muito por causa do Evangelho. Ele era pastor de Pforzheim. Ele me levou para a gramática, e exigiu-me na construção de frases. Fez-me dar as regras de construção, por meio de vinte ou trinta versículos do Mantuan. Ele não me permitiria passar nada. Sempre que eu ia cometer um erro dobrava a vara, e ainda com a moderação que foi boa. Assim que ele me fez um lingüista. Ele era um homem bom. Ele me amava como um filho, e eu a ele como um pai. Em um curto espaço de tempo nos encontraremos, espero eu, na vida eterna. Eu o amava, não obstante que ele usou tal gravidade, embora não fosse a gravidade, mas a correção dos pais, que me incentivou a diligência. À noite eu tinha de caçar as regras para recitar. Você vê a disciplina era mais rigorosa do que agora. (MELANCHTHON apud RICHARD, 1898, p. 7)⁵

No trecho acima, observa-se o quanto Melanchthon admirava seu mestre; logo, pode-se inferir que as qualidades ressaltadas podem compor, na sua visão, os requisitos necessários para ser um bom mestre. Ao rememorar as características do educador da sua juventude, Melanchthon comparou a metodologia de ensino da sua infância com aquelas visualizadas quando adulto, e constata o pouco rigor. Com relação à diminuição da rigorosidade, o seu contemporâneo Lutero, também, citou em uma de suas cartas em prol da criação e manutenção de escolas na Alemanha, porém, com tratamento diferente de Melanchthon.

Em um trecho da carta “Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha para que criem e Mantenham Escolas” de 1524, quando Lutero lembrou da disciplina e liberdade na educação, mencionou que na sua juventude os estudantes eram torturados com palmadas e tinham muito pavor e sofrimento. Em seqüência, aconselhou que as crianças pudessem estudar línguas e outras matérias com prazer e brincando. O holandês Erasmo de Roterdã (1467-1536), um dos principais nomes da Renascença, dispunha de visão semelhante, pois, de acordo com Aranha (1996, p. 89), Erasmo criticou a severidade da educação vigente à época e recomendava o cuidado com a graduação do ensino e a abandono das práticas de castigos

⁵ Citação traduzida pela autora do TCC.

corporais. Entretanto, sobre o ensino aliado às brincadeiras, Melanchthon não fez menção nos discursos analisados neste trabalho acadêmico.

De acordo com Richard (1898), o jovem Filipe era um estudante dedicado e com sede de aprender, gostava de fazer perguntas e reunir colegas para discutir os assuntos estudados, tinha uma “percepção rápida”, além de capacidade para expressar seu pensamento com “exatidão e precisão”. Este aspecto remete-nos ao comentário feito por Ricardo Willy Rieth (1997), em relação à função da língua na perspectiva do *Preceptor Germaniae*, o qual consideraria a língua como o instrumento mais importante do espírito: “Não é por acaso, segundo Melanchthon, que erros e fanatismos muitas vezes estão associados a uma linguagem equivocada e um estilo ruim [...] Toda ciência necessita de um discurso puro e claro (*oratio pura et perspicua*)” (RIETH, 1997, p. 39).

Jovem e inexperiente, aos 13 anos de idade, Melanchthon matriculou-se na faculdade filosófica na Universidade de Heidelberg. Naquela Academia ganhou a reputação de grande conhecedor de grego. Prova disso foi o fato de um professor propor uma questão cuja solução exigia conhecimento da língua grega, e gritou: “Onde eu devo encontrar um grego?” Os alunos responderam em um coro: “Melanchthon! Melanchthon!”. No entanto, em 1541, Melanchthon publicou uma crítica a respeito dos métodos de estudo da referida universidade:

Embora ainda um menino, fui enviado para a universidade, mas aos jovens eram ensinados quase nada, exceto gárrula dialética e partícula física. Na medida em que eu tinha aprendido a escrever versos, com uma espécie de avidez infantil. Eu comecei a ler os poetas, e também da história e do drama. Este hábito gradualmente levou-me para os clássicos antigos. A partir desses, eu adquiri um vocabulário e estilo, mas nós meninos tínhamos nenhuma instrução na composição. Nós lemos tudo sem discriminação, mas, sobretudo que nós preferimos obras modernas, como as de política. Meu estilo tomou a aparência destes, e reproduziu estas duras e autores menos polidos do que a graça e a beleza dos antigos. (MELANCHTHON apud RICHARD, 1898, p. 14).⁶

O trecho acima demonstra mudanças do pensamento de Melanchthon, pois quando era muito jovem preferia obras modernas, mas na fase adulta valorizava mais as antigas, considerando-as mais polidas. No dia 11 de junho de 1511 o reformador tornou-se bacharel em Artes Liberais. Com anseio de receber o grau de Mestre, dedicou-se com zelo ao estudo de Filosofia Escolástica; todavia, seu pedido foi negado em virtude da sua juventude e aparência de menino.

Próximo de completar 17 anos, como integrante de outra Universidade, Melanchthon teve seu desejo concretizado: recebeu o grau de Mestre em Artes Liberais. As palestras e

⁶ Citação traduzida pela autora do TCC.

aulas conferidas voltaram-se para o cultivo dos clássicos (de uma latinidade pura e estudo da língua grega).

Em abril de 1518, o Príncipe Eleitor Frederick, fundador da Universidade de Wittenberg, indagou a Reuchlin a respeito de mestres adequados, que pudessem preencher vagas para professores. Assim, para a presidência do ensino da Língua Grega, o humanista Reuchlin propôs o seu próprio sobrinho, o Mestre Philip Schwartzerd (“Filipe Melanchthon”), por afirmar que não conhecia um, entre os alemães que pudesse ultrapassá-lo, exceto Erasmo de Roterdã.

Assim, em agosto de 1518, cerca de um ano após a publicação das Noventa e Cinco Teses de Lutero, Melanchthon chegou à Wittenberg, local onde conheceu o ilustre colega, do qual se tornou amigo. A abrangência e a imensa produção escrita de Melanchthon refletem o seu engajamento e total dedicação aos estudos. Certa vez, alguns amigos, como Lutero, por exemplo, pediram-lhe para cuidar de sua saúde, já que quase não tinha lazer e estava muito magro. Diante disto, Lutero solicitou ao Príncipe Eleitor que aumentasse o salário de Melanchthon para melhorar o conforto de seu amigo.

O primeiro salário de Melanchthon foi de cem florins, que de acordo com Richard (1898) correspondia a quatro centenas de dólares. Em 1526 aumentou para duzentos. E desde 1541 era de quatrocentos, que à época era considerado um salário acadêmico elevado. Com relação a isto, é interessante mencionar que em 1533, Melanchthon escreveu um texto intitulado “*De miseriis paedagogorum oratio*” (Discurso sobre os infortúnios dos educadores) no qual trata das mazelas do ofício docente e, exemplifica a sua condição: seria um professor magro e esfarrapado. Entretanto, parece um paradoxo, mas é conveniente citar que naquela época, ele já era casado com a filha do prefeito de Wittenberg e, também, exercia a função de reitor, isto é, mantinha-se cercado de pessoas influentes tanto de ponto de vista econômico como político. É o que veremos a seguir.

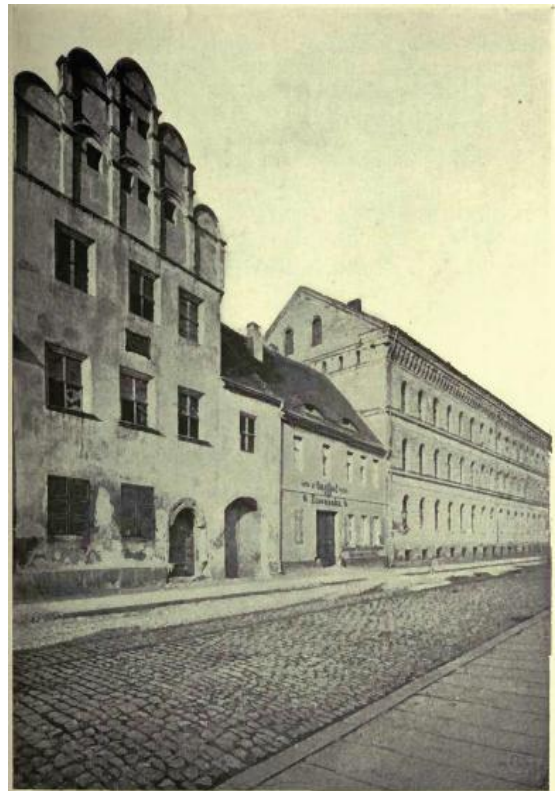


Figura: 2

Casa de Melanchthon em Wittenberg

No dia 15 de agosto de 1520, Filipe anunciou o casamento com Katharine Krapp, filha de Hieronimus Krapp, prefeito de Wittenberg. Logo, em 1523, Melanchthon tornou-se reitor da Universidade de Wittenberg. Após o casamento, o referido mestre se mantivera mais apegado à Wittenberg e foi em vão toda tentativa de afastá-lo da cidade e do movimento da Reforma. Em 1530 ele redigiu um importante escrito confessional protestante: “A Confissão de Augsburg”.

No ano de 1521, um mandato imperial ordenou Lutero a aparecer em Worms; então, em Wittenberg, uma parte de seus trabalhos ficou sob a responsabilidade de Melanchthon. No entanto, quando Lutero retornou à Wittenberg, Melanchthon pensou seriamente em abandonar o ensino de Teologia e dedicar-se inteiramente à instrução de línguas e literatura. Para ele era muito difícil encontrar um professor que realmente cultivasse os clássicos, tendo em vista, que os estudos dos antigos seriam, segundo ele, o melhor meio de preparar os jovens para o estudo da Teologia e outras disciplinas; além de superar o espírito de desordem. Logo, verifica-se a sua defesa por uma educação com traços humanísticos.

Em 1526, depois das reivindicações de Lutero, o Eleitor resolveu aumentar o salário de Melanchthon, como condição para que ele ensinasse Teologia diariamente, além das palestras de grego. Preocupado com os inúmeros trabalhos, Melanchthon recusou. Dessa forma, Lutero fez um pedido ao Eleitor John para que a palestra teológica de Filipe ocorresse uma vez por

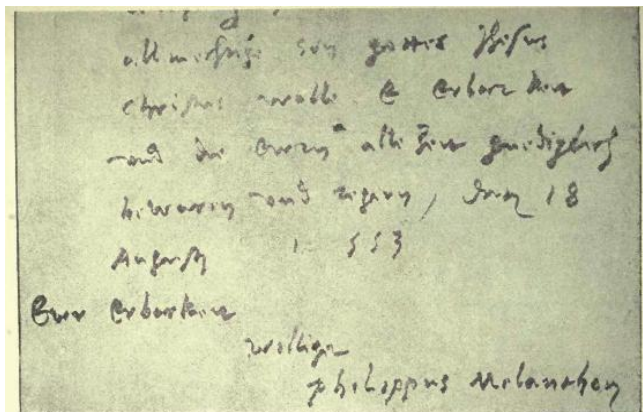


Figura: 3

Parte final de uma carta de Melanchthon às autoridades do Tangermünde, recomendando um estudante ao seu apoio.

semana ou quando pudesse. Segundo Lutero, seu amigo merecia o aumento de salário, pois lecionou as Escrituras durante dois anos sem receber. Provavelmente, isto ocorreu no período em que Lutero não se encontrava mais em Wittenberg.

Assim, o impasse foi resolvido de modo a atender aos interessados. Então, a partir daquele momento, Filipe Melanchthon permaneceu como professor de Teologia e Grego, e ensinou Teologia, Literatura Clássica e Filosofia, sendo, assim, membro de duas faculdades.

De acordo com consultas nos Manuais de História da Educação, em 19 de abril de 1560, Filipe Melanchthon morreu, aos 63 anos⁷, em Wittenberg – cidade onde contribuiu com

⁷ Os manuais de História da Educação consultados, nesta monografia, trazem a informação de que Melanchthon teria nascido em 1497 e falecido em 1560, o que corresponderia a 63 anos; todavia, no original latino do discurso

reformas universitárias, escritas sistemáticas sobre a Dogmática evangélica e diversas produções didáticas.

A casa onde Melanchthon viveu tornou-se um museu no qual existem tabuletas de recepção com escritos em latim, os quais significam: “Aqui ensinou e morreu Philip Melanchthon” e “Neste lugar Melanchthon, com os olhos voltados para o Norte, escreveu as obras que o mundo agora tem em alta estima”.

Antes de abordar especificamente o pensamento educacional de Filipe Melanchthon, sentimos a necessidade de compreender a biografia deste personagem, pois, as experiências de vida e formação de alguém estão diretamente atreladas aos seus pensamentos e atitudes. Logo, não faria sentido falar em visão educacional de Melanchthon, sem antes compreendermos a sua trajetória.

O curso biográfico de Melanchthon mostrou o quanto ele foi precoce e dedicado na vida acadêmica, bem como, o rigor sob o qual foi educado moral e intelectualmente. Com relação às influências humanistas, estas vieram não só por meio de sua formação acadêmica, mas vale ressaltar que o seu tio J. Reuchlin (1455-1522) foi um famoso humanista conhecido como “Fênix da Germânia”. De acordo com Lorenzo Luzuriaga (1975, p. 98), este último era “defensor do ensino do hebreu, nas humanidades, como o latim e o grego, com o que preparou o estudo da Bíblia e, com isso, a Reforma religiosa, a qual, entretanto, se opôs”, Reuchlin, também, era contrário a Escolástica e à teologia dogmática concordando com Erasmo.

Apesar de Filipe Melanchthon ter participado da Reforma, sendo companheiro de Lutero o qual era contrário à Escolástica e o seu próprio tio, Reuchlin (não simpatizante da Reforma) também, oposto a este método, como apontou anteriormente Luzuriaga; em seqüência, assinalaremos, nesta monografia, a possibilidade de proximidade ou, pelo menos, algum tipo de admiração por parte de Melanchthon a Escolástica, em virtude de sua formação em Artes Liberais e menção aos exercícios escolásticos, em um de seus discursos, como forma de romper determinados males.

Oratio De Ordine Político (Discurso sobre a Ordem Política) provavelmente escrito em 1552, o autor afirmou que estaria com 69 anos de idade.

CAPÍTULO II

**DISCURSOS, CONCEPÇÕES E HERANÇAS EDUCACIONAIS DE
FILIPE MELANCHTHON**

2.1 DISCURSOS

O humanista e companheiro de Lutero – Filipe Melanchthon – conhecido como *Praeceptor Germaniae* (Mestre da Alemanha) é considerado o criador do Sistema Educacional da Igreja Protestante da Alemanha e responsável por reorganizar o ensino de seu país. As autoridades municipais solicitavam, ao reformador, orientações sobre criação e condução de escolas. De acordo com Richard (1898, p.134), quase todas as escolas protestantes Latinas e ginásios, do século XVI, foram fundados, de acordo com as instruções dadas por Melanchthon. Ele escreveu normas escolares, organizou os cursos de estudo e nomeou a maioria dos instrutores daquelas primeiras escolas.

Melanchthon possuía um legado extenso e múltiplo de escritos. Com relação a cartas que se tornaram públicas, somam-se por volta de dez mil. Diante disto,

Heinz Scheible (1992) propõe a seguinte divisão temática de sua produção intelectual: gramáticas e livros didáticos; manuais de lógica e retórica; *Loci theologici...*, comentários bíblicos e edições de autores latinos; edições, traduções e comentários de autores gregos; manuais de ética, política e direito; manuais de antropologia e física; manuais de história e geografia; obras de polêmica e história contemporânea; obras de doutrina e praxe eclesiástica; discursos acadêmicos (*declamationes, orationes*); poesias; correspondência. (SCHEIBLE apud RIETH, 1997, p. 37)

Dentre os escritos acima mencionados, mesmo que brevemente, serão abordados os discursos acadêmicos: “*De corrigendis studiis adolescentia - 1518*” (A melhoria dos Estudos da Juventude - 1518); “*In Laudem novae scholae – 1526*” (Em louvor da nova escola - 1526), *Ratio Studiorum Praescripta Andreae Polono A Philippo Melanchthone – [s.d.]* (Programação dos Estudos Proposta a André Polônio por Filipe Melanchthon – s.d), “*De miseriis paedagogorum – 1533*” (Sobre os infortúnios dos educadores - 1533), *De Equitate Et Iure Stricto – 1542* (Equidade e Direito Estrito - 1542), *Oratio De Ordine Político* (Discurso sobre a Ordem Política – provavelmente de 1552).

Tais textos podem ser localizados na versão latina do livro: “*Declamationes*” organizado por Karl Hartfelder, publicado em Berlin em 1891. A versão em português, fundamental para a nossa explanação, será baseada na tradução fornecida pelo professor Dr.

Ricardo Willy Rieth; bem como, no conteúdo dos Manuais de História da Educação e artigos científicos, como já foi mencionado anteriormente.

Vale ressaltar que três discursos citados anteriormente (1518, 1526 e 1533) compõem a nossa apreciação no artigo “O Pensamento Educacional da Reforma Protestante em Filipe Melanchthon (1497-1560)”.⁸

2.12 De Corrigendis Studiis Adolescentia - 1518

Em agosto de 1518, cerca de um ano após a publicação das Noventa e Cinco Teses de Lutero, Melanchthon chegou à Wittenberg. A expectativa da chegada de Melanchthon foi confrontada com sua aparência. De acordo com J. W. Richard (1898, p. 36), “*He was young, below middle size, diffident, hesitating, of frail body and stammering tongue, and carried one shoulder higher than the other*” (Ele era jovem, abaixo do tamanho médio, tímido, hesitante, de corpo frágil, língua a gaguejar e um ombro maior do que o outro).

Em 29 de agosto daquele ano, quatro dias depois de sua chegada, o novo professor subiu ao pódio da Universidade e fez o discurso de posse. O tema foi *De corrigendis studiis adolescentia* (A melhoria dos Estudos da Juventude). Em tal discurso Filipe se dirigiu à juventude da Academia de Wittenberg, recomendando o estudo da literatura clássica, chamando de “homens rudes e incultos” àqueles que consideravam os clássicos mais difíceis do que úteis. Advertiu que o Direito, a Medicina e a Teologia sofreram com o declínio dos estudos clássicos, e enfatizou que a boa literatura foi substituída pela má e que toda a vida pública e privada era beneficiada pelo estudo da história. Também, vale salientar que nesse discurso, Melanchthon revelou a sua noção de História, a qual, ele pensava ajudar a discernir sobre o que é belo e o que é torpe, o que é útil e o que não é.⁹

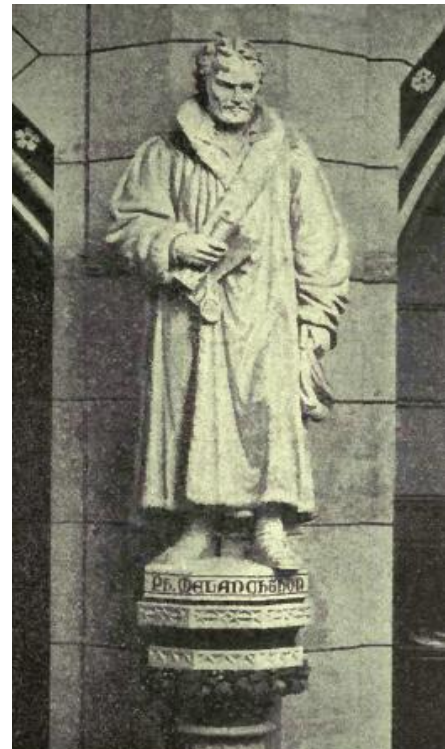


Figura 4

Estátua de Melanchthon no castelo da Igreja de Wittenberg.

⁸ Publicado nos anais do VIII Congresso Luso Brasileiro de História da Educação, no Estado do Maranhão.

⁹ Isto nos faz lembrar que no século XIX houve a hegemonia de uma corrente na História, nomeada de Historicismo, a qual acreditava que a História seria a ciência por excelência.

No discurso do educador germânico estão expostos três tipos de estudos: Lógica, Física e Ética. Os estudos de Lógica ensinariam a força e as diferenças de palavras, e também os limites, a origem e o curso das coisas e educaria para o raciocínio (exemplo: gramática, retórica e dialética). Os estudos da Física cuidariam de ensinar como usar as coisas. E os estudos da Ética, na visão melanchthoniana, seriam responsáveis pela orientação (o que dariam as diretrizes para uma vida correta).

Neste discurso inaugural, Melanchthon mostrou-se incomodado com a valorização dos autores modernos e o desprezo aos antigos. Em razão disso, fez um resgate histórico, argumentando em favor dos estudos “autênticos” (renascentes métodos de estudos científicos), os quais seriam mais “úteis”.

Para Melanchthon, estudo “útil” significa o desenvolvimento da retórica. Nesta perspectiva, a literatura greco-latina ajudaria na verdadeira e genuína compreensão das palavras, com conseqüentes benefícios para a esfera religiosa e administração pública.

Ao final deste discurso inaugural, Melanchthon falou sobre suas expectativas, que envolviam uma busca ávida pela melhor compreensão do Latim e do grego, bem como se comprometeu em ensinar através de exemplos e trabalhar com zelo.

Dois dias após o discurso inaugural, Lutero escreveu uma carta a Spalatin relatando a grande admiração de todos diante do discurso eloqüente de Filipe Melanchthon, salientando que se modificou a impressão que haviam formado quando o viram pela primeira vez. Lutero acrescentou que não desejava outro professor de grego para Wittenberg. A partir daí começou uma grande parceria: Lutero considerava Melanchthon como um filho, e ainda assim, por diversas vezes, ele sentou-se a seus pés como um aluno.

Segundo Richard (1898), Melanchthon foi o primeiro a levar os alunos às fontes originais de Teologia e treiná-los por meio da Lógica e da Literatura Clássica, a fim de sistematizar o pensamento e aprender a expressar claramente o pensamento.

O resultado foi que, de todas as partes da Alemanha, e de terras estrangeiras, os alunos reuniram-se em Wittenberg, principalmente para ouvir Melanchthon. Ele ensinou sobre uma vasta gama de assuntos, incluindo o Hebraico, Latim, Grego, Gramática, Retórica, Física e Filosofia.

Com o passar do tempo, o número de ouvintes de suas palestras foi ampliando-se. De acordo com Ricardo Willy Rieth (1997, p. 223), conta-se que Filipe Melanchthon reunia até 600 alunos em suas aulas, contra os cerca de 400 que vinham aprender com seu colega Lutero na Universidade de Wittenberg. Certa vez Lutero exclamou:

Quem não reconhecer Filipe como seu instrutor, é um burro, estúpido impassível, levado por sua própria vaidade e auto-conceito. Tudo o que sabemos nas artes e na filosofia de verdade, Philip nos ensinou. Ele tem apenas o título humilde de Mestre, mas ele supera todos os médicos. Não há uma vida adornada com tais presentes. Ele deve ser realizado em honra. Aquele que despreza o homem, Deus o despreza. (LUTERO apud RICHARD, 1898, p. 44)¹⁰

2.13 *In Laudem Novae Scholae - 1526*

Este discurso de 1526, cujo título traduzido para a língua portuguesa significa “Em louvor da nova escola”, foi dirigido à doutíssimos senhores e quase todo o senado, na inauguração de uma escola de letras/ Ginásio de Nuremberg. Inicialmente, Melanchthon se colocou em uma posição modesta, não se considerando à altura da eloquência dos doutores os quais o convidaram para realizar tal discurso.

Por meio desta apresentação, o *Praeceptor Germaniae* fez indicações para a organização e seleção de professores adequados. E ressaltou que em sua concepção, nenhuma arte, indústria, produção da Terra, nem mesmo a luz do sol teriam mais valor do que o conhecimento das ciências. Neste sentido, destacou a importância das leis, ciência e religião para o convívio e rumo dos homens, logo após, exemplificou as sociedades “bárbaras” sobre as quais se contava que comiam carne dos estrangeiros, não existindo regras ou disciplina.

Naquele momento Melanchthon aproveitou para chamar a atenção dos pais, mostrando-os a diferença entre animais e seres humanos, pois estes últimos teriam como função educar a mente para a moralidade. Também, responsabilizou os Estados no dever de apoiar as ciências, criticando os governantes que não acreditam na utilidade das leis, religião e educação pública.

Nam si pergitis excitare hominum studia ad discendum, praeclare merebimini primura de patria ei de exteris. Cum vobis anetoribus recte (heilt Instituta iuventus, praesidio patriae erit: non enim ulla propugnacula aal moenia firmiora urbium munimenta sunt quam eruditione, prudentia et aliis rirtutibus praediti cives. Spartanus dixit muros debere ferreos esse, non saxeos. Ego vero non tarn armis quam prudentia, moderatione et pietate defendi existimo. (MELANCHTHON, 1891, p. 52)

No trecho citado, Melanchthon lembra que, para ele, trincheiras ou muros não são fortalezas mais firmes para as cidades do que cidadãos que se destacam por erudição, sabedoria e “outras virtudes”. Além disto, mostra-se contrário à posição dos espartanos ao afirmarem que os muros deveriam ser de ferro e não de pedras. No entanto, Melanchthon alega que uma cidade deve ser defendida, não tanto por armas, mas por sabedoria, moderação

¹⁰ Citação traduzida pela autora do TCC.

e religiosidade. Tal defesa remete-nos a analogia entre recursos financeiros, para a guerra e para a educação, a qual Lutero trouxe na Carta “Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, para que Criem e Mantenham Escolas (1524)”: “[...] se alguém der um ducado (moeda de ouro) para a guerra contra os turcos (mesmo que nos atacassem), seria justo doar cem ducados para a educação. Mas com estes ducados se poderia educar apenas um jovem, para tornar-se um adulto verdadeiramente cristão” (LUTERO, 2000, p. 11).

Por fim, Melanchthon encerra este discurso expondo a dedicação às letras como serviço “mais agradável a Deus” e “mais útil à cidade”, de forma que ninguém tem condições de governar o Estado se não conhece as ciências.



Figura 5

Filipe Melanchthon em uma pintura de Albrecht Dürer.

2.14 *Ratio Studiorum Praescripta Andreae Polono a Philippo Melanchthone* – [s.d.]

A “Programação de Estudos Proposta a André Polônio por Filipe Melanchthon” [s.d.] foi expressa em um breve texto, que apresentava propostas de atividades para todos os dias da semana, com horários bem definidos. A partir da leitura deste escrito, pode-se organizar as propostas da seguinte forma:

PROGRAMAÇÃO DE ESTUDOS PROPOSTA A ANDRÉ POLÔNIO POR F. MELANCHTHON ¹¹						
Horários Dias da semana ¹²	1ª HORA DA MANHÃ	2ª HORA DA MANHÃ	(ANTES DO MEIO DIA)	(DEPOIS DO MEIO DIA)		(ANTES DE DORMIR)
SEGUNDA-FEIRA	_ Leitura, na ordem, de um capítulo do Antigo Testamento.	_ Cartas de Cícero ou discursos.	_ Leitura de trechos selecionados ¹³ de Vito e dos dialéticos.	_ Estudar o livro “Da Alma” e a gramática hebraica.	_ Exercício do estilo/ leitura “proveitosa” de autores modernos ou antigos.	_ Um capítulo do Novo Testamento em latim e em grego.
TERÇA-FEIRA	_ Leitura, na ordem, de um capítulo do Antigo Testamento.	_ Leitura de Terêncio ou de outro autor “útil” para o desenvolvimento da eloquência.	_ Leitura de trechos selecionados de Vito e dos dialéticos.	_ Estudar o livro “Da Alma” e a gramática hebraica.	_ Exercício do estilo/ leitura “proveitosa” de autores modernos ou antigos.	
QUARTA-FEIRA	Inteiramente para a dedicação ao estudo da língua grega e à ética. Esta ordem não precisava ser seguida rigorosamente; todavia, poderiam intercalar “leituras proveitosas” ou exercícios de estilo. Tudo com objetivos bem definidos e ponderando o que se queria aprender. Exemplo: a doutrina da Igreja, a dialética e a maneira de escrever em latim, a língua grega, elementos da língua hebraica, a ética e elementos da física.					
QUINTA-FEIRA	_ Leitura, na ordem, de um capítulo do Antigo Testamento.	_ Leitura de Lívio.	_ Virgílio ou Ovídio (ou no dia seguinte); _ Ouvir aulas de Vito e o Paulina.	_ Gramática Hebraica.	_ “Leituras Proveitosas” ou “Exercício do estilo”. Ex: Aritmética e elementos da astronomia.	
SEXTA-FEIRA	_ Leitura, na ordem, de um capítulo do Antigo Testamento.	_ Leitura de Lívio.	_ Virgílio ou Ovídio (ou no dia anterior); _ Ouvir aulas de Vito e o Paulina.	_ Gramática Hebraica.	_ “Leituras Proveitosas” ou “Exercício do estilo”. Ex: Aritmética e elementos da astronomia.	
SÁBADO	_ Dedicação à leitura da Epístola aos Romanos e dos <i>Loci Communes</i> ¹⁴ .					
DOMINGO						

¹¹ Este escrito nos remete a seguinte questão: A programação foi direcionada a quais estudantes?

¹² Optou-se por registrar de segunda-feira para o domingo, respeitando a ordem do discurso analisado.

¹³ Quem selecionava os trechos da leitura de Vito: mestres ou estudantes?

¹⁴ Obra de autoria de Filipe Melanchthon, publicada pela primeira vez em 1521, na qual apresentou as doutrinas do Cristianismo.

Em nota de rodapé, da Programação de estudos exposta, destaca-se a seguinte questão: A programação foi direcionada a quais estudantes? Para responder, segue o trecho de um dos manuais de História da Educação consultados:

Ao terminar o Século XVI, a educação pública na Alemanha, isto é, nos múltiplos Estados que a compunham, constituía-se, pelo menos nominalmente, dessa forma: a) escolas primárias para o povo, nas aldeias e pequenas localizadas, com ensino muito elementar dado na língua alemã, por eclesiásticos ou sacristãos, e com caráter principalmente religioso; b) escolas secundárias ou latinas, para a burguesia, de caráter humanista, mas também religioso, como preparação principalmente para os cargos eclesiásticos e profissões liberais; c) escolas superiores e universidades já existentes em parte, mas transformadas no espírito da religião reformada, e em outras, de nova criação dos príncipes protestantes. (LUZURIAGA, 1975, p. 110).

Portanto, a partir da comparação entre os conteúdos presentes na programação e a afirmativa de Luzuriaga, podemos supor que a programação de Melanchthon foi direcionada ao ensino secundário. Inclusive, como será mencionado no terceiro capítulo do TCC, Lorenzo Luzuriaga (1975, p. 115) destaca-o como “o inspirador da escola secundária pública” alemã, enquanto, Bugenhagen (1485-1558)¹⁵ seria o principal reformador religioso na criação da escola primária.

Já com relação a segunda questão posta, em nota de rodapé da página anterior (“Quem selecionava os trechos da leitura de Vito: mestres ou estudantes?”), não foi possível saber quem elaborava a seleção de trechos de obras de Vito, os quais os estudantes deveriam estudar.

Alguns autores clássicos citados, na programação de estudos de Melanchthon, são semelhantes aqueles mencionados no *Ratio Studiorum*; por exemplo: Cícero, Ovídio e Virgílio. Com relação a eles, Aranha (1996) destaca que tais autores eram pagãos, mas os jesuítas buscavam relacioná-los ao espírito religioso. Portanto, pode-se concluir que o *Praeceptor Germaniae*, igualmente, utiliza-se destes autores, com fins religiosos; porém, ligados ao Luteranismo.

Para melhor compreensão da concepção educacional de Filipe Melanchthon é relevante situar os fundamentos de alguns dos autores utilizados como referências em seu Plano de Estudos. Por exemplo: Marco Terêncio Varrão (116-27) e Marco Túlio Cícero (106-43) eram teóricos da época republicana da civilização romana. Ambos tiveram suas bases de

¹⁵ Reformador Religioso considerado o principal criador da escola primária. Segundo Luzuriaga (1975, p.115), Bugenhagen inspirou, com efeito, uma série de ordenações eclesiásticas, nas quais se introduziram diversos preceitos relativos às escolas. Assim sucedeu com as das cidades de Hall, Brunswick, bem como, na reorganização do ensino universitário e primário da Dinamarca.

estudos em Atenas. O primeiro acreditava na convergência entre os interesses nacionais (romanos) e elementos gregos no âmbito educacional.

Em suas obras, Terêncio “apresenta de modo imediato a matéria de ensino, anotada por indicações pedagógicas e apreciações em torno de sua utilidade prática” (LARROYO, 1969, p.215). Para ele, história e sátira eram recursos interessantes na educação.

Dentre as numerosas obras de Terêncio, pode-se citar uma enciclopédia a qual compreendia Gramática, Dialética, Retórica, Geometria, Aritmética, Astronomia, Música, Arquitetura e a Medicina. Segundo Larroyo (idem), os trabalhos do referido teórico romano tiveram uma grande repercussão pedagógica que, inclusive, chegou a ser modelo das obras enciclopédicas da Idade Média e Renascimento. Isto pode ser reafirmado ao se observar indicações de leituras de produções de Terêncio no Plano de estudos de Filipe Melanchthon.

Marco Túlio Cícero foi um marco referencial da Antiguidade, no que tange ao exercício da latinidade e tradução das idéias gregas em língua latina. “Cícero se inclina pelo ideal do orador; vê na eloquência a força da vida pública. O verdadeiro orador é *avis rara*: reúne as qualidades do dialético, do filósofo, do poeta, do jurista e do ator; sobretudo, porém, é um homem de moral exemplar.” (LARROYO, 1969, p. 216). Francisco Larroyo (idem) ainda completa: “O orador, em outras palavras, encontra sua base de sustentação na *humanitas*.” Vale ressaltar outros aspectos da educação na perspectiva de Cícero: se apoiou em idéias aristotélicas e ensino platônico sobre as vocações humanas e constituiu o modelo dos humanistas e professores do Renascimento.

Este movimento de reflexão, a respeito de autores elencados na programação de estudos de Melanchthon, contribui na compreensão do próprio pensamento melanchthoniano, bem como, demonstra como as mudanças, ao longo da história, são lentas, como defende a Escola dos *Annales*.

2.15 De Miseriis Paedagogorum - 1533

A declamação *De Miseriis Paedagogorum* (Sobre os infortúnios dos educadores) foi escrita 15 anos após a aula inaugural de Melanchthon em Wittenberg. Ao se fazer um comparativo entre estes dois momentos, constata-se a oposição de sentimento do escritor com relação ao ofício docente, pois a aula inaugural foi marcada por um discurso cheio de expectativas deste personagem, já a declamação revelou os descontentamentos. No entanto, sua defesa e exaltação ao ensino humanístico aliado à religião permaneceram no mesmo tom.

Ao longo do discurso de 1533, Melanchthon enfatizou as mazelas e decepções, fundamentou seus argumentos em fábulas, ditados populares da época e frases de personagens como Platão, além de citações bíblicas.

Melanchthon (1533) iniciou este discurso afirmando que o trabalho dos educadores, à época, era maior do que a de um asno (jumento) que se desgasta em um moinho. Em outras palavras, o asno em um moinho significava um duplo sentido depreciativo: arrastar um peso em movimento repetitivo, tendo um fim de pouca serventia. Assim se equivalia o trabalho docente com a juventude.

Neste discurso, Melanchthon prosseguiu tratando os jovens desinteressados como monstros e preguiçosos, cujas mentes eram semelhantes a troncos (no sentido de impermeabilidade).

Para o humanista germânico era um espetáculo e, concomitantemente, um dever falar com um mestre em latim de forma fluente e natural. Com isso, em seus escritos, demonstrava aborrecimento ao perceber as caretas faciais dos estudantes e até as tentativas de burlar as análises orais, nas quais pronunciavam sons obscuros e, apenas, as sílabas finais das frases em latim, como podemos visualizar abaixo:

Latine loqui, quiaid difficilium erat, ne quidem conantur. Deinde quia sui similibus delectantur, eruditorum commercia procul fugiunt. Apud nimm praeceptorem Latino sermone utendum est, ad quem cum ventum est, dii immortales, quäle spectaculum committitur! Puer aliquamdiu in statuæ modum prorsusmutus est. (MELANCHTHON apud HARTFELDER, 1891, p. 59).

Melanchthon culpava as famílias por terem corrompido os estudantes com vícios e desgostos pelo estudo, antes mesmo de serem entregues aos cuidados do educador. E completou com o argumento de que a maioria dos pais ensinava o desprezo à religião.

Para o reformador, a tarefa do professor seria dura, perigosa e inútil (Contraste com as constantes ênfases de uma educação “útil” presentes nos outros discursos). Por conseguinte, expôs as frustrações com o ofício, baixos salários e desvalorização social. Chegou até a afirmar que, à época, pagavam melhor um enxadeiro do que a um mestre, o qual morria em misérias, fome e frio: “Que é isso, senão uma miséria? Ser consumido e esgotado com permanentes preocupações e trabalho no ensino frustrante? E depois, o que é pior, por recompensa, ainda ser transformado em objeto de zombaria e divertimento de um rapaz.” (MELANCHTHON apud RIETH, 1997, p. 42).

2.16 De Equitate Et Iure Stricto - 1542

Neste discurso (“Equidade e Direito Estrito”) a princípio Filipe Melanchthon focaliza a luta por uma maior rigorosidade, em virtude dos costumes do povo em relação ao desprezo das leis, ciências, princípios de conduta e religião. E como consequência disto, seguiria “*Dei oblivio, libidinum impunitas, et aeterna latrocinia sequantur*” (MELANCHTHON, 1843, p. 551) ou “o esquecimento de Deus, a impunidade das libertinagens e a ladroeira sem fim”. Por outro lado, o *Praeceptor Germaniae* afirma que para coibir tais males era necessária a “[...] *eruditione, cultura, et his qualibuscunque exercitus scholasticis [...]*”(idem), isto é, “erudição, cultura e toda sorte de exercícios escolásticos”, os quais não estariam recebendo o devido apoio por parte dos poderosos.

Em louvor a ordem política e respeito às leis, Melanchthon afirma que quem despreza esta ordem, declara guerra a Deus.

Em determinado momento do discurso, Melanchthon deixou a entender que os sermões sobre leis são ouvidos diariamente nas escolas e igrejas; mesmo assim, considerou importante fazer comentários sobre a lei do Código Processual.

2.17 Oratio De Ordine Político – provavelmente de 1552

No primeiro parágrafo deste discurso, Melanchthon afirmou que estava com 69 anos de idade, isto pode ser verificado no discurso original em latim (publicado no livro “*Corpus Reformaturum vol. XI*”) ¹⁶: “*ago enim iam annum sexagesimum nonum*” (MELANCHTHON, 1843, p. 1011). Esta informação é intrigante, tendo em vista que diversos autores de Manuais da Educação e artigos científicos datam o período de nascimento-morte de Melanchthon como o seguinte: 1497-1560 o que corresponderia a 63 anos de vida.

Tais confrontações de informações entre fontes primárias e secundárias nos fazem levantar algumas hipóteses, tais como: primeiro, os registros reais de nascimento ou morte de Melanchthon teriam sido perdidos; segundo, o discurso “*Oratio de ordine politico...*” poderia ser de autoria de outro personagem contemporâneo a F. Melanchthon.

O referido discurso foi escrito provavelmente em 1552, cujo título original completo é: “*Oratio De Ordine Político, item de periculis et officio eorum, qui adhibentur publicis*

¹⁶ Referência completa do livro: MELANCHTHONIS, Philippi. *Opera Quae Supersunt Omnia*. In: BRETSCHEIDER, Carolus Gottlieb. *Corpus Reformatorum. Volumen XI*. Stanford Library - Halis Saxonum, 1843.

consiliis” (Discurso Sobre a Ordem Política e os perigos e o dever daqueles que são requisitados para conselhos públicos).

Inicialmente, Melanchthon demonstrou gratidão a Deus pelos longos anos de vida e disposição para continuar a trabalhar. Dentre os motivos que o “prenderam” ao exercício do magistério, o referido autor destaca os seguintes: amor à doutrina (ensino), contribuir para o “proveito”¹⁷ das novas gerações, aos estudiosos e ao Estado.

Neste discurso, o *Praeceptor Germaniae* tratou das leis ligando-as à vontade divina e, cujas funções seriam a ordem e a paz, por isso, a ciência exposta nas leis deveria ser “*valde venerandam, amandam, conservandam, et tuendam esse*”, isto é, altamente venerada, amada, conservada e protegida. (MELANCHTHON, 1843, p. 1012).

2.2 HERANÇAS EDUCACIONAIS

Segundo Ricardo Willy Rieth (1997, p. 38) “a educação é, para Melanchthon um fenômeno eminentemente antropológico, que diferencia o ser humano dos animais”. Isto tem semelhanças com características citadas por Maria L. de A. Aranha (1996, p. 48) a respeito da pedagogia aristotélica, pois, de acordo com esta autora, para Aristóteles¹⁸ o que fundamentalmente distingue o ser humano dos animais é a capacidade de pensar, e este exercício seria responsável por sua “perfeição”.

De acordo com Franco Cambi (1999, p. 92), no conjunto, o modelo aristotélico não é muito distante do platônico, embora, mais realista e pragmático: liga-se a uma sociedade regularmente dividida em classes e exalta a virtude do ócio (mesmo reconhecendo função e valor, mas inferior, às atividades profissionais e ao seu aprendizado). A sua *paidéia* é um pouco a correção empírica do grande e ousado modelo platônico, mas de maneira nenhuma uma refutação de um modelo alternativo.

Com relação ao âmbito educacional, é válido salientar que “Aristóteles enfatiza a ação da vontade, exercitada pela repetição, que conduz ao hábito” (ARANHA, 1996, p. 48). Logo, a imitação seria um instrumento de destaque nos processos educacionais. Isto nos alude ao que Eby (1970) discorreu a respeito das características dos três grupos de estudos, que

¹⁷ Com relação ao “proveito”, Melanchthon faz referência a felicidade e prosperidade.

¹⁸ Aristóteles (384-322 a. C.) nasceu em Estagira (colônia grega da Trácia). Seu pai o iniciou na medicina e nas ciências naturais. Foi discípulo de Platão durante vinte anos. Depois de algumas viagens fundou em Atenas o célebre Liceu. Acusado de menosprezar a religião, teve de fugir para a Calcídia, onde morreu. (LARROYO, 1969, p. 177).

Melanchthon definiu no Regulamento da Escola da Igreja da Saxônia, pois, “[...] praticamente tudo era memorizado.” (EBY, 1970, p. 70).

Melanchthon publicou em 1544 o “Discurso sobre Aristóteles”, mas a este documento não tivemos acesso; todavia, em trechos do “Sobre a Necessidade de Reformar os Estudos dos jovens”, o reformador fez menção a Aristóteles e criticou àqueles que interpretavam de forma equivocada suas obras.

Aranha (1996, p. 49) destacou que durante muito tempo a obra aristotélica esteve desconhecida, mas que a partir do Século XIII foi incorporada pela filosofia escolástica de maneira que seu paganismo foi adaptado às concepções cristãs.

Com relação à metodologia de ensino escolástico (“tomista”) é importante mencionar que Lutero era contrário. Ele era seguidor do pensamento agostiniano, para o qual ao mundo dos sentidos não se atribuía valor algum para o entendimento de assuntos elevados como as leis divinas. Todavia, “o pedagógico, para Melanchthon, pertencia ao âmbito das artes liberais” (RIETH, 1999, p.37). Como foi observado na biografia de Melanchthon, em 1511 tornou-se bacharel em Artes Liberais, e com anseio de receber o grau de Mestre, dedicou-se com zelo ao estudo de Filosofia Escolástica. Inclusive no discurso “Equidade e Direito Estrito” (citado no tópico 3.16), o *Praeceptor Germaniae* inclui os exercícios escolásticos como uma das formas de coibir determinados males.

Possivelmente, Melanchthon se referia aos exercícios escolásticos, cuja tradição era profundamente clássica. Assim, se poderia defini-los:

1. O Ensino (lição e discussão). A lição correspondia ao momento de explanação exclusiva do mestre. Após, ocorria um debate (discussão) entre mestre e aluno, cuja palavra decisiva era do mestre;
2. Saberes divididos em dois grupos: *Trivium* (gramática, retórica e lógica/ dialética) e *Quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia);
3. Dialética;
4. Formas literárias: comentários (discorrer sobre determinada obra), Sumas (prós e contras), Questionamentos e Opúsculos (pequenos textos com pensamentos livres);
5. Espírito Escolástico- desenvolvido em dois elementos: a autoridade e razão.

De modo geral, Francisco Larroyo (1969) resumiu a Escolástica da seguinte forma:

[...] é um movimento intelectual oriundo da Idade Média, preocupado em demonstrar e ensinar as concordâncias da razão com a fé pelo método dedutivo-silogístico. Conducente a eliminar as possíveis contradições das verdades transmitidas em questões de dogma pelos filósofos e teólogos oficiais da Igreja. (Larroyo, 1969, p. 300).

O referido movimento teve seu incipiente início no século IX, mas “seus evidentes contornos” desenvolveram-se a partir do século XI com Santo Anselmo de Cantuária (1033-1109) e Pedro Abelardo (1079-1142). Contudo, o seu período de destaque ou “apogeu”, como classifica Larroyo (1969), ocorreu no século XIII com Alberto Magno (1193-1280) e Tomás de Aquino (1227-1274). Este último “leva a um verdadeiro virtuosismo o método dialético e didático da Escolástica”. (LARROYO, 1969, p. 303).

No desvelar de outras heranças melanchthonianas, de acordo com Rieth (1997, p. 43), a exigência de uma pessoa saber um idioma estrangeiro, além do seu próprio idioma, corresponde à exigência de Melanchthon em relação ao latim. Além disto, o referido pesquisador (idem) destacou como contribuição do reformista, para a posteridade, as seguintes idéias: a necessidade de diferenciar claramente pregação e educação (existe educação sem evangelho); a prática da fé pressupõe certa disciplina externa; os esforços pedagógicos precisam ter por objetivo certa aptidão para o pensar e agir eticamente; e que cada ensino em particular faz parte de um todo.

É possível se elencar outras, como a ênfase na memorização, nos estudos das obras e línguas clássicas, nas convergências entre Humanismo e Luteranismo. Igualmente, vale ressaltar uma herança educacional da Reforma Protestante e também da Cia de Jesus, qual seja, o conteúdo humanístico que se manteve vivo na formação de grupos sociais mais elitizados, a exemplo dos colégios secundários e cursos superiores do Ocidente.

CAPÍTULO III

FILIFE MELANCHTHON NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A elaboração deste terceiro capítulo justifica-se pela necessidade de compreensão do que se tem divulgado a respeito de Filipe Melanchthon, sobretudo, em manuais comumente utilizados por graduandos da área educacional. Em contrapartida, a leitura, destes livros, é relevante no sentido de contrapor aos textos originais (“fontes primárias”) produzidos no Século XVI. Logo, para a construção deste texto, alguns movimentos prévios foram imperativos, tais como: seleção de alguns manuais de História da Educação disponíveis no acervo da Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), leituras e registros de informações em fichas, as quais contribuíram na apuração, comparação e análise das interpretações disponíveis nos manuais, a respeito de Filipe Melanchthon.

As fichas acima mencionadas foram compostas por doze categorias de registro de informações: título e nome do autor; ano de publicação; número de páginas escritas sobre a Modernidade; número de páginas sobre a Reforma Protestante; se faz menção sobre Melanchthon; número de páginas sobre Melanchthon; a forma como apresenta o pensamento educacional do educador analisado (predomínio de descrição, comparação com outras épocas ou personagens, crítica à Reforma Protestante, crítica ao pensamento educacional de Melanchthon ou exaltação a sua atuação); a qualidade dos pontos abordados (superficiais, medianos e aprofundados); palavras-chave mencionadas quando dirigidas ao pensamento educacional do referido personagem; obras citadas; trechos de escritos melanchthonianos e tópicos relevantes.

Com relação ao primeiro tópico da sétima categoria de análise, houve mudança durante a pesquisa, pois, a princípio foi definido como “apenas descreve” e passou a ser denominado “predomínio de descrição”, tendo em vista a compreensão da inexistência de neutralidade nos registros históricos. Embora pareçam apenas descrições, constam, nessas exposições, interpretações relativas ao reformador ou sobre qualquer outro pensador abordado.

A organização ou a forma como alguns dos escritores destes livros abordam os temas, não permite em alguns casos uma determinação “cristalizada”, ou o registro convencional, sobre o número de páginas requisitado em determinados tópicos presentes nas fichas mencionadas. Simultaneamente é importante atentarmos para o fato de que os autores

selecionados, para análise, apresentam, implicitamente, concepções diferentes a respeito da mesma temática histórica.

No total foram elaboradas fichas correspondentes a seis Manuais de História da Educação. Com esta pequena amostragem não serão feitas generalizações ou porcentagens, pois na perspectiva deste estudo, pretende-se compreender as “formas” de abordagem destes Manuais a respeito da atuação pedagógica de Filipe Melanchthon.

Diante do exposto, segue o quadro que tenta sintetizar o que fora pesquisado (Verificar nas próximas páginas).

Quadro: “Síntese informativa de seis Manuais de História da Educação analisados.”

Nome do Manual de História da Educação	Autor	Ano ¹⁹	Faz menção sobre Melanchthon?	Nº de páginas sobre Melanchthon:	Cita quais obras de Melanchthon?	Traz trechos das obras?	Palavras-chave ao falar sobre Melanchthon:
“História Geral da Pedagogia”.	LARROYO	1969	Sim	1 página e meia.	1. <i>De corrigendis studiis</i> (1518). 2. Regulamentos escolares	Sim, no corpo do texto, Larroyo traz trechos de falas/ escritos de Melanchthon; todavia, não especifica a quais discursos pertencem.	<ul style="list-style-type: none"> _ Colégios secundários; _ Ideais religiosos; _ Concepção clássica dos humanistas; _ Eloquência romana; _ Ginásio; _ Universidade.
“História da Educação Moderna: teoria, organização e prática educacionais”.	EBY	1970	Sim	2 páginas e meia.	1. Regulamento da escola da igreja da Saxônia. 2. Gramática Grega.	1.Regulamento da escola da igreja da Saxônia (apenas uma frase).	<ul style="list-style-type: none"> _ Grande influência; _ Erudição; _ Domínio de línguas; _ Currículo e organizações escolares.

¹⁹ Organização de acordo com a ordem cronológica das publicações.

Continuação do Quadro: “Síntese informativa de seis Manuais de História da Educação analisados.”							
Nome do Manual de História da Educação	Autor	Ano ²⁰	Faz menção sobre Melanchthon?	Nº de páginas sobre Melanchthon:	Cita quais obras de Melanchthon?	Traz trechos das obras?	Palavras-chave ao falar sobre Melanchthon:
“História da Educação e da Pedagogia”.	LUZURIAGA	1975	Sim.	* 2 parágrafos.	1. “Comissão de Visitadores da Saxônia (1537)” – Luzuriaga não disse que foi escrito por Melanchthon e Lutero. 2. “Regulamento das escolas da Saxônia (1580)”	—	_ Escola secundária pública; _ Humanismo; _ “O verdadeiro pedagogo do Movimento da Reforma Luterana”.
“História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias”	MANACORDA	1992	Sim	1 página e meia.	1. <i>De corrigendis studiis</i> (1518). 2. <i>In laudem novae achoolae</i> (1526).	1. <i>De corrigendis studiis</i> (1518). 2. <i>In laudem novae achoolae</i> (1526).	_ Associação entre Humanismo e Pedagogia serena e humana; _ Relação entre escola e cidade; instrução e governo; _ Autogoverno; _ Novos conteúdos da instrução.

²⁰ Organização de acordo com a ordem cronológica das publicações.

Continuação do Quadro: “Síntese informativa dos seis Manuais de História da Educação analisados.”							
Nome do Manual de História da Educação	Autor	Ano ²¹	Faz menção sobre Melanchthon?	Nº de páginas sobre Melanchthon:	Cita quais obras de Melanchthon?	Traz trechos das obras?	Palavras-chave ao falar sobre Melanchthon:
“História da Educação”	ARANHA	1996	Sim	* 5 Parágrafos	—	—	* Não aborda a pensamento educacional de Melanchthon, mas cita, brevemente, a sua atuação junto a Lutero.
“História da Pedagogia”	CAMBI	1999	Sim	1 página e meia.	1. <i>De corrigendis studiis</i> (1518). 2. <i>In laudem novae scholae</i> (1526). 3. Artigos de Visitação (1527).	—	_ Convergência entre Humanismo e Luteranismo; _ Línguas Clássicas; _ Reorganização; _ Método de estudo que dá muito espaço à leitura e conversação; _ Rigor na organização; _ “Piedade Evangélica”.

²¹ Organização de acordo com a ordem cronológica das publicações.

Como observado no quadro, anteriormente exposto, seis manuais de História da Educação foram analisados em relação a um assunto específico; todavia, cada autor explicitou-o de uma maneira diferente: não no sentido de apresentarem contradições de informações, mas nas entrelinhas dos textos estão implícitas as concepções históricas e sociais dos referidos teóricos. Alguns são mais críticos e outros sutis; existem aqueles que são mais sucintos e até os que enaltecem determinado fato.

Os manuais utilizados foram publicados no período de 1969 a 1999; todos fazem menção à Melanchthon; porém, as informações específicas, sobre o personagem cerne de nossas discussões, variaram de dois parágrafos a duas páginas e meia. Dentre estes manuais, metade apresenta citações de trechos de discursos melanchthonianos. Um dos manuais (de autoria de Aranha) apenas cita a presença de F. Melanchthon junto à Lutero, mas não aborda seu pensamento educacional.

Apesar das concepções históricas dos autores variarem, podemos afirmar que algumas palavras comuns utilizadas, por estes, ao se referirem ao pensamento educacional melanchthoniano, são as seguintes: escola secundária, Humanismo, línguas clássicas e erudição.

A seleção e análise de seis Manuais de História da Educação dispostos, no acervo da Universidade Federal de Alagoas, contribuíram na percepção de como o pensamento e atuações educacionais de Filipe Melanchthon são tratados e “chegam” atualmente aos estudantes universitários os quais procuram tais livros como referenciais. Portanto, compreender o que apresentam os Manuais de História da Educação dispostos em acervos acadêmicos, é também, entender um pouco sobre a formação de profissionais, sobretudo, ligados à área educacional.

3.1 Larroyo (1969)

“Melanchthon e a origem do segundo ensino humanista”: este é o subtítulo utilizado por Larroyo (1969) para abordar a atuação pedagógica de Filipe Melanchthon. O autor de “História Geral da Pedagogia” utilizou a expressão “segundo ensino”, referindo-se aos colégios secundários de tipo humanista os quais foram criados na Alemanha, em virtude da atuação do reformista Melanchthon. Contudo, em relação a Lutero, Larroyo (1969, p. 383) coloca-o como fundador dos alicerces da escola elementar popular, com a idéia moderna de obrigatoriedade do ensino, responsabilizando pais e governos.

Ao tratar sobre Melanchthon, algumas palavras ficam em evidência no texto de Larroyo (1969): colégios secundários, ideais religiosos, concepção clássica dos humanistas, eloquência romana, ginásio e universidades.

No referido Manual de História da Educação são mencionados dois escritos de Melanchthon: “*De corrigendis adolescentiae studiis*” (A melhoria dos Estudos da Juventude) e “Regulamentos Escolares”. O primeiro foi apresentado como uma “forte campanha contra os processos de ensino de seu tempo”. (LARROYO, 1969, p. 383). Já os regulamentos “proporcionaram o primeiro plano de ensino de grande estilo, dentro do espírito humanista protestante” (idem) e, isto justificaria sua fama, que o levou a receber, como outrora Raban Mauro, o honroso título de Preceptor da Germânia.

Ao tratar de eloquência romana, Larroyo (1969, p.383 e p.384) afirmou que Melanchthon procurou unir exigências intelectuais, estéticas e morais. Em seqüência, mostra que a atividade do Preceptor da Germânia foi dupla: a estrutura clássica que o ensino secundário adquiriu na Europa protestante a partir de suas idéias e a produção de livros que tornaram exequíveis a realização dos objetivos de um Humanismo Cristão.

Quanto à organização do livro “História Geral da Pedagogia” e concepção de História da Educação de Francisco Larroyo, observou-se o seguinte: ele procurou dividir a História Universal em unidades culturais, partindo do modelo tetrapartido (Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea). Assim, após uma introdução reflexiva sobre a História da Pedagogia, o autor desdobrou os assuntos da seguinte forma: “A Época do Tradicionalismo”, “A Pedagogia dos Povos Clássicos”, “A Idade Média e a Educação Cristocêntrica”, “A Renovação da Humanitas e a Pedagogia da Reforma e da Contra-Reforma” e, por fim, a “Época do Realismo”.

Para Larroyo (1969, p. 19), os três critérios levados em consideração para a delimitação destas unidades históricas da educação são os seguintes: a “importância” que os fatos tiveram na posteridade (inclusive enfatiza: “os acontecimentos insignificantes não ‘contam’ na história”), isto é o que ele chama de “o fator pragmático”. Os outros dois critérios são: o “fator histórico-cultural” e o “fator progressivo” (superação de idéias com o passar do tempo).

Diante do exposto e tomando como referência o livro: “Perspectivas Históricas da Educação” (de Eliane M. T. Lopes), pode-se classificar a concepção de História da Educação de Larroyo como: próxima ao Positivismo, no sentido de história “pensada como sucessão ordenada dos fatos em direção ao progresso, que seria atingido quando a humanidade alcançasse o terceiro estado (lei dos três estados), o estado positivo, perfeito” (LOPES, 1989,

p. 22). No entanto, este modelo evolucionista, é muito comum nos muitos manuais de História da Educação, o que vai diferenciá-los são as concepções e teóricos que os fundamentam ou norteiam. Entretanto, não nos debruçaremos sobre estas questões, devido ao foque deste trabalho acadêmico.

3.2 Eby (1970)

Como mencionado no nosso artigo²², o manual “História da Educação Moderna”, de Frederick Eby, o autor destina duas páginas e meia à explanação a respeito das influências e feitos educacionais de Filipe Melanchthon (1497-1560), durante a Reforma Protestante. Ao longo do texto, constata-se que Eby traz um discurso enaltecedor da atuação do reformista e companheiro de Lutero, a partir de breve relato biográfico, perspectivas educacionais e menção de escritos de Melanchthon, porém, não traz citações diretas de trechos, excetuando-se uma concisa referência ao Regulamento da Escola da Igreja da Saxônia.

Eby (1970) faz uma abordagem geral a respeito do regulamento, acima citado, ao ressaltar que tal documento resultou da atuação de Filipe Melanchthon enquanto inspetor da escola da Igreja da Saxônia (localizada na Alemanha). Nesta perspectiva, o plano traria a obrigação de estabelecer e manter escolas como responsabilidade atribuída às autoridades civis. Durante a explanação a respeito deste documento, Eby (1970) também destaca a estruturação das escolas, na visão de Melanchthon, que deveriam possuir três grupos de alunos. Cada grupo estava planejado para se estender durante vários anos:

O primeiro grupo para principiantes, que deveriam aprender a ler latim [...] Dos alunos era exigida a memorização de listas de palavras e sentenças, a fim de assegurar um vasto vocabulário, o mais depressa possível [...] No segundo, que como o primeiro estava planejado para estender-se por vários anos, a gramática latina era estudada exaustivamente. As fábulas de Esopo, os Colóquios de Erasmo, as Comédias de Terêncio e Plauto, e obras semelhantes eram lidas e explicadas com minuciosos detalhes gramaticais e praticamente tudo era memorizado. O terceiro grupo empreendia estudos lingüísticos avançados. À esta altura, já o menino deveria ser capaz de falar, ler e escrever latim. Então deveria adquirir um vocabulário clássico e tornar-se perfeitamente versado na língua e literatura latinas. (EBY, 1970, p. 70).

No campo pedagógico, Eby (1970) menciona a amplitude de assuntos abordados nos escritos de Melanchthon: o trívio da Idade Média (retórica, lógica e latim) e o quadrívio (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música). E acrescenta: “No domínio de línguas e em

²² Artigo: “O Pensamento Educacional da Reforma Protestante em Filipe Melanchthon (1497-1560)” publicado nos anais do VIII Congresso Luso Brasileiro de História da Educação.

conhecimento de Teologia e de currículo e organizações escolares, Melanchthon ultrapassa o Grande Reformador” (EBY, 1970, p. 69). Logo, tal passagem contribui para a compreensão do seguinte paradoxo: por um lado, Melanchthon teria um conhecimento mais aprofundado sobre questões teológicas e educacionais do que Lutero; por outro, sua visibilidade é pequena nos estudos feitos em História da Educação.

Grosso modo, Eby (1970) procura expor que a grande influência e mérito concedidos a Filipe Melanchthon, na época, resultam da melhor organização e tratamento dos conteúdos dados por este personagem, mas não em virtude de sua originalidade. Neste sentido, Eby fundamenta esta discussão, quase que exclusivamente, com base nas informações contidas no Regulamento da Escola da Igreja da Saxônia. Além deste documento, Eby (1970) menciona uma gramática grega que Melanchthon escreveu quando ainda era menino, também, menciona a gramática latina, impressa 53 vezes, sendo utilizada tanto por escolas protestantes quanto católicas; todavia, não citou outros discursos, os quais foram abordados neste trabalho.

Em relação à organização do Manual de Eby (1970), este traz uma abordagem exclusiva sobre a Modernidade; logo, não apresenta a tradicional tetrapartição: Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea. Ao contrário de Larroyo, não traz uma reflexão sobre a sua concepção de História da Educação, entretanto, também segue uma discussão cronológica, só que neste caso, a partir das “Condições que provocaram a revolução do Norte e a Reforma”. Como o autor não expôs diretamente a sua visão de história da educação, nossa análise ficará restrita a forma como ele abordou o assunto cerne de nossas discussões.

3.3 Luzuriaga (1975)

O autor de “História da Educação e da Pedagogia”, Luzuriaga, ao explanar sobre a educação religiosa reformada (protestante) foi sucinto ao tratar de personagens em particular, pois se deteve mais em comentar a relação do movimento, e sua influência educacional. Nesta perspectiva, este autor mostra efeitos da Reforma para a educação: ligação com o movimento humanista; o emprego dos idiomas vernáculos, nacionais, ao invés do exclusivo latim como ocorria no Humanismo clássico; afirmação da supremacia da autoridade secular sobre a eclesiástica; o despontar do interesse por ensino popular a partir da reivindicação de todos lerem a Bíblia. Neste último caso, completa dizendo que a Reforma “organiza a educação pública não apenas no grau médio, mas ampliando a ação dos colégios humanistas da

Renascença, mas também, e pela primeira vez, com a escola primária pública.” (LUZURIAGA, 1975, p. 109).

Em meio a uma visão crítica a respeito da Reforma Protestante, Lorenzo Luzuriaga (1975, p. 115) denomina Melanchthon como: “O verdadeiro pedagogista do Movimento da Reforma Luterana” e destaca-o como “o inspirador da escola secundária pública” alemã (idem) e, em contrapartida, Bugenhagem (1485-1558)²³ seria o principal reformador religioso na criação da escola primária.

3.4 Manacorda (1992)

O italiano Mario Manacorda, autor de *História da Educação – da Antiguidade aos nossos dias*, com edição brasileira de 1992, dedica uma página e meia a Melanchthon, alternando enaltecimentos e críticas ao reformista. De um lado lembra que “talvez esteja o espírito mais genuíno da reforma, a sua capacidade de relacionar escola e cidade, instrução e governo, no sentido de autogoverno...”, por outro, afirma que, de fato, se a Reforma exprimiu, “sobretudo exigências populares, não faltaram também heranças cultas e atitudes aristocráticas”. O autor italiano, também, associa a visão educacional de Melanchthon e Lutero à linha humanística e, simultaneamente, à linha ideal de Wycliffe e Huss²⁴ (MANACORDA, 1992, p. 195 e 199).

Com relação ao “*De corrigendis studiis adolescentia - 1518*” (A melhoria dos Estudos da Juventude - 1518), Manacorda (1992) cita um pequeno trecho do discurso, e enfatiza o Projeto de Estudos. Entretanto, em relação a um trecho do “*In Laudem novae scholae – 1526*” (Em louvor da nova escola - 1526), Manacorda considera que ali residem princípios da “consciência” de participação das massas na vida política, isto é, todos poderiam ser governados e governantes. Neste caso, referiu-se ao fragmento:

Antes de tudo uma cidade bem ordenada precisa de escolas, onde as crianças, que são o viveiro da cidade, sejam instruídas: engana-se gravemente, de fato, quem pensa que sem instrução possa adquirir-se uma sólida virtude e ninguém é suficientemente idôneo para governar as cidades sem o conhecimento daquelas letras que contêm o critério do governo de todas as cidades. (MELANCHTHON apud MANACORDA, 1992, p. 198).

²³ Estudiosos alemão e reformador, considerado o principal criador da escola primária, cuja influência, também, chegou à Dinamarca, como mostra Luzuriaga (1975, p. 115) em seus estudos.

²⁴ Wycliffe (1320-1384) foi professor da Universidade de Oxford, teólogo e reformador religioso inglês considerado precursor das reformas religiosas que desencadeadas na Europa nos séculos XV e XVI. Jan Huss (1369-1415) conhecido reformador religioso da Boêmia o qual se baseou nos ideais de Jonh Wycliffe.

Entretanto, ao se ler o trecho citado, levando-se em consideração o discurso original como um todo, pode-se interpretar de forma divergente à Manacorda: o conhecimento das letras seria fundamental para a atuação enquanto governante, mas não significaria, necessariamente, que todos poderiam ser governantes na referida época.

Ao tratar da Reforma Protestante e atuação de Melanchthon, Manacorda apresenta um discurso focado nas questões políticas e estruturais da sociedade, o que nos faz inferir a sua proximidade com a concepção de Marx e Gramsci.

3.5 Aranha (1996)

O livro “História da Educação” de autoria de Maria Lúcia de Arruda Aranha, cuja publicação ocorreu no ano de 1996, apresenta os capítulos organizados sob três aspectos: Contexto Histórico, Pedagogia e Educação. Além destes tópicos, cada capítulo dispõe de “*Drops*” com pequenas citações e “Leituras complementares”. Neste Manual, a autora mescla fatos da história europeia e brasileira, mostrando paralelismo e inter-relações. Inicialmente, traz uma reflexão a respeito da História e concebe que “[...] para melhor compreender a História da Educação é preciso buscar a Filosofia da Educação um fio condutor que oriente a escolha dos temas e encaminhe o entrelaçamento deles”. (ARANHA, 1996, p. 5).

Com relação à abordagem do personagem cerne das discussões, deste trabalho acadêmico, a autora apenas cita a presença de Melanchthon junto a Lutero no âmbito educacional, ao discorrer em cinco parágrafos sobre a “Educação religiosa reformada”. Neste breve texto não foram citadas obras e nem trechos de discursos de Filipe Melanchthon; há o predomínio de descrição, entretanto, uma crítica sutil está subentendida ao frisar que a implantação da escola primária para todos da Reforma, concretizou-se de forma dual: “[...] para as camadas trabalhadoras, uma educação primária elementar, enquanto para as privilegiadas é reservado o ensino médio e superior”. (ARANHA, 1996, p. 91).

3.6 Cambi (1999)

O autor do livro *História da Pedagogia*, Franco Cambi (1999), um dos manuais mais utilizados nos atuais cursos de Pedagogia do Brasil, dedica uma página e meia à atuação de Filipe Melanchthon na Reforma Protestante. O autor ressalta que os dois maiores representantes do campo pedagógico da Alemanha foram Lutero e Melanchthon, embora com

abordagens diferentes. Destaca ainda que com o Protestantismo reafirmou-se em Pedagogia o princípio do direito-dever de todo cidadão em relação ao estudo.

Diferentemente de Manacorda, Cambi (1999) utiliza-se de uma linguagem mais descritiva e com críticas mais sutis, porém, um dos pontos de acordo seria a clara convergência entre Humanismo e Luteranismo, na qual as escolas do movimento reformador davam prioridade às línguas clássicas, com centralidade nos estudos gramaticais. De acordo com Cambi (1999), Melanchthon forneceu um modelo de formação para exclusivo benefício dos representantes da nova religião, com exclusão, portanto, dos grupos aristocráticos, da nascente burguesia e da classe dos camponeses.

Em meio à trajetória biográfica de Melanchthon, Cambi (1999) também menciona alguns dos escritos do reformador e professor. Entre eles estão “*De corrigendis studiis adolescentia - 1518*” (A melhoria dos Estudos da Juventude - 1518) e “*In Laudem novae scholae - 1526*” (Em louvor da nova escola - 1526). Neste caso, Cambi (1999) afirma que tais discursos revelam o objetivo educacional de Melanchthon, o qual consistiria na promoção da “piedade evangélica” e na defesa da instrução e validade da cultura antiga para a compreensão das Escrituras.

Além destes documentos, os “Artigos de Visitação” de 1527 foram mencionados como uma série de instruções para os inspetores das escolas, que apresentam, entre outros elementos, planos de organização das escolas, metodologia e matérias de ensino. Os “Artigos de Visitação” resultam do pedido do duque da Saxônia. Em virtude das características descritas, talvez este plano tenha vínculo com o que Eby (1970) denomina de “Regulamento da Escola da Igreja da Saxônia”.

No manual *História da Pedagogia*, Franco Cambi (1999) apresenta uma compreensão semelhante a Marc Bloch, pois critica uma História tradicional/ idealista, isto é, contraria a idéia de referir a História da Pedagogia a partir da Filosofia, considerando, assim, as contribuições de diversas áreas do saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso foi resultado, inicialmente, de uma curiosidade surgida durante o Curso de Graduação em Pedagogia, materializando-se em um longo estudo, o qual desvelou muitas descobertas, para a autora deste texto. Tais achados foram articulados, nesta monografia, de forma a trazer reflexões e contributos para futuras pesquisas na área historiográfica da educação brasileira. Algumas considerações podem ser feitas ao retomar a pergunta inicial da pesquisa: “A partir da escrita do reformista Melanchthon do Século XVI, quais matrizes educacionais se constituíram a época?”

Ficou evidente, durante este estudo monográfico que em meio aos novos pensamentos modernos, no âmbito educacional, na Europa, houve um retorno e valorização da educação baseada na Antiguidade Clássica, isto é, os autores antigos e eloquência romana eram o referencial. Portanto, era imprescindível o estudo das línguas clássicas (latim, grego). Além disto, o ensino de caráter humanista, à época, foi defendido tanto por protestantes quanto católicos.

Os discursos ou fontes primárias utilizadas, neste estudo, traçam vários momentos de Melanchthon: aulas inaugurais, programação de estudos, decepções com a profissão docente, considerações sobre leis e política. Todos convergem para questões, tais como: atrelamento da melhoria dos estudos da juventude ao estudo dos clássicos e tradição greco-romana; contribuições das ciências, leis e religião para o convívio dos homens e administração pública; atribuição de responsabilidades dos pais e do Estado pela educação dos jovens; humanismo “luterano”, bem como educação “proveitosa” e “útil”.

Existem inquietações dos docentes, as quais dão a impressão que se apresentam, apenas, na atualidade, mas a leitura de fontes primárias, como os textos de Melanchthon produzidos no Século XVI, revela-nos a grande semelhança. Por exemplo, para o referido personagem, elementos que deixariam um mestre feliz: obediência dos discentes; entrega dos trabalhos dentro dos prazos; repetirem o que aprenderam; reconhecimento profissional, entre outros.

Seis Manuais de História da Educação publicados no Brasil, entre 1969 a 1999, foram brevemente analisados, com relação “às concepções pedagógicas” de Filipe Melanchthon no século XVI. A seqüência de análise destas fontes secundárias foram organizadas, neste TCC, tomando como referência o ano de publicação no Brasil.

Larroyo (1969) e Luzuriaga (1975) vincularam a atuação de Melanchthon à fundação de colégios secundários alemães, cuja essência era um “Humanismo Cristão” no século XVI. Eby (1970) destacou a erudição e a organização de currículos por Filipe Melanchthon, bem como a atribuição melanchthoniana direcionada às autoridades civis na responsabilidade de criação e manutenção de escolas.

Com relação às considerações do italiano Manacorda (1992), no último capítulo divergi do seu ponto de vista, no que diz respeito à consciência de participação das massas na vida política, tomando como referência o discurso “*In laudem novae scholae*”. Contudo, apesar, desta oposição, pude perceber aproximações com os destaques feitos por estudiosos, como Cambi (1999), quando constata princípios humanísticos na “pedagogia” de Melanchthon.

Dentre os manuais selecionados, somente o de Aranha (1996) não faz considerações sobre a atuação educacional de Melanchthon, ainda que mencione a sua existência. Como aludido no corpo do texto, compreender a apresentação de determinados assuntos em Manuais de História da Educação dispostos em acervos acadêmicos, significa, também, entender um pouco a respeito da formação de profissionais, sobretudo, ligados à área pedagógica.

O TCC contribuiu para a percepção de mudanças lentas ao longo da história, como aponta a escola dos *Annales*. Na época de Melanchthon, houve retorno e valorização de literatura e teóricos da Antiguidade, como Cícero e Terêncio, que inclusive, foram mencionados no programa de estudos elaborado pelo referido reformador. De forma semelhante, algumas matrizes educacionais construídas à época de Melanchthon, perpetuaram por longos períodos, chegando às escolas secundárias do Ocidente, como no caso das brasileiras, cujos currículos, no Império, eram fundamentados na tradição humanística.

Portanto, com a recente aprovação na seleção do mestrado em Educação Brasileira, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas, continuarei o estudo que engloba a tradição humanística, partindo do âmbito nacional, cuja pergunta norteadora da pesquisa será: “Por que a tradição greco-romana ainda se manteve com tanto rigor nos colégios imperiais de Alagoas?”.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2 ed. Ver. E atual. São Paulo: Moderna, 1996.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. – São Paulo. Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

BENCOSTTA, Marcus Levy (org). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à educação brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

EBY, Frederick. **História da Educação Moderna: teoria, organização e prática educacionais**. 1 ed. Editora Globo: Porto Alegre, 1970.

ENGELHARDT, Klaus. **Filipe Melanchthon e sua importância para as Igrejas da Reforma**. Estudos Teológicos. São Leopoldo/RS, v. 37, n. 3, p. 236-242, 1997.

FLOCO, Erasmo. **Discurso sobre Aristóteles proferido pelo mestre Erasmo Floco de Nürnberg, quando concedeu o grau de mestre de Filosofia a alguns honrados e eruditos senhores**. Texto inédito, ainda não publicado no Brasil. Traduzido do original latino por Ilson Kayser: *Oratio de Aristotele, habita a Magistro Erasmo Flocco, Noribergensi, cum decerneret gradum magistrii philosophici aliquot honestis e eruditis viris*. O referido texto foi cedido pelo Dr. Ricardo Willy Rieth.

LARROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia**. Editora Mestre JOU. São Paulo, 1969.

LUTERO, Martim. **Educação e Reforma**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. 123 p. – (Lutero para hoje).

_____. In: RICHARD, RICHARD, James William. **Philip Melanchthon – the protestant preceptor of Germany (1497-1560)**. The Knickerbocker Press, New York, 1898. p. 44

LUZURIAGA, Lorenzo, 1889-1959. **História da educação e da pedagogia**. 7 ed. São Paulo, Editora Nacional, 1975.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação:** da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Monaco. 3 ed. – São Paulo: Cortez, 1992.

MELANCHTHON, Philipp, 1497-1560; HARTFELDER, Karl, 1848-1893. **Philippvs Melanchthon Declamationes (1891)**. Publicado em Berlin, 1894. Língua latina. Coleção da Universidade de Michigan. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/philippvsmelanc00hartgoog>>. Acessado em: 30 de Outubro de 2009.

_____. Opera Quae Supersunt Omnia. In: BRETSCHEIDER, Carolus Gottlieb. **Corpus Reformatorum. Volumen XI**. Stanford Library - Halis Saxonum, 1843.

MELANCHTHON, Philipp. **De corrigendis studiis adolescentia – 1518 traduzido para a língua portuguesa**. Texto inédito, ainda não publicado no Brasil. Traduzido do original latino por Ilson Kayser. Fornecido pelo Dr. Ricardo Willy Rieth.

_____. **In Laudem novae scholae – 1526 traduzido para a língua portuguesa**. Texto inédito, ainda não publicado no Brasil. Traduzido do original latino por Ilson Kayser. Fornecido pelo Dr. Ricardo Willy Rieth.

_____. **De miseris paedagogorum – 1533 traduzido para a língua portuguesa**. Texto inédito, ainda não publicado no Brasil. Traduzido do original latino por Ilson Kayser. Fornecido pelo Dr. Ricardo Willy Rieth.

_____. In: RICHARD, James William. **Philip Melanchthon – the protestant preceptor of Germany (1497-1560)**. The Knickerbocker Press, New York, 1898. p. 14

NÓVOA, Antônio. Apresentação – Por que a História da Educação? In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, M. H. C. **Histórias e memórias da educação na Brasil – Vol. II: Século XIX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NUNES, Maria Thétis. Ensino secundário e sociedade brasileira. 2. Ed. ver. E amp. São Cristóvão, Se: Editora da UFS, 1999, 152 P.

RIETH, Ricardo Willy. **Filipe Melanchthon (1497-1560), reformador e humanista: síntese de sua contribuição à educação**. Logos: Revista de Divulgação Científica. Canoas: Ed. da ULBRA, v. 9, n. 2, p. 35-44, 1997.

_____. **O Pensamento Teológico de Filipe Melanchthon (1497-1560)**. Estudos Teológicos. São Leopoldo/RS, v. 37, n. 3, p. 223-235, 1997.

RICHARD, James William. **Philip Melanchthon – the protestant preceptor of Germany (1497-1560)**. The Knickerbocker Press, New York, 1898.

SCHEIBLE, H. In: RIETH, Ricardo Willy. **Filipe Melanchthon (1497-1560), reformador e humanista: síntese de sua contribuição à educação**. Logos: Revista de Divulgação Científica. Canoas: Ed. da ULBRA, v. 9, n. 2, p. 35-44, 1997. p. 37.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História para o ensino médio: história geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2005.